



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA**

ANDERSON DA SILVA BEZERRA

**POR UMA EDUCAÇÃO FAVELADA:
UMA ABORDAGEM ANTIRRACISTA QUE DÁ SAMBA E (RE)EXISTÊNCIA**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2020

ANDERSON DA SILVA BEZERRA

**POR UMA EDUCAÇÃO FAVELADA:
UMA ABORDAGEM ANTIRRACISTA QUE DÁ SAMBA E (RE)EXISTÊNCIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação – Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras, Campus dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sabrina Rodrigues Garcia Balsalobre.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2020

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

B469p

Bezerra, Anderson da Silva.

Por uma educação favelada : uma abordagem antirracista que dá samba e (re)existência / Anderson da Silva Bezerra. - 2020.

66 f. : il., mapas, color.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2020.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sabrina Rodrigues Garcia Balsalobre.

1. Antirracismo - Vila Isabel (Rio de Janeiro, RJ). 2. Letramento - Aspectos sociais - Vila Isabel (Rio de Janeiro, RJ). 3. Língua portuguesa - Estudo e ensino. I. Unidos de Vila Isabel (Escola de Samba) - Canções e música. II. Título.

BA/UF/SEBI

CDD 469.98153

ANDERSON DA SILVA BEZERRA

**POR UMA EDUCAÇÃO FAVELADA:
UMA ABORDAGEM ANTIRRACISTA QUE DÁ SAMBA E (RE)EXISTÊNCIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade Federal da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Aprovado em 20 de janeiro de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Sabrina Rodrigues Garcia Balsalobre (Orientadora)

Doutora em Letras – UNESP

UNILAB/Malês

Prof. Dr. Alexandre Cohn da Silveira

Doutor em Letras – UFSC

UNILAB/Malês

Prof. Dr. Denilson Lima Santos

Doutor em Letras – Universidade de Antioquia, Medellín, Colômbia

UNILAB/Malês

AGRADECIMENTOS

Com o máximo de respeito ao meu lugar de fala, a favela, que é múltiplo quando se tratam de religiões, e como bom católico apostólico romano que sou, quero agradecer a Deus e ao movimento do qual eu faço parte, que me seguraram espiritualmente para que eu pudesse lograr êxito em chegar até aqui. Quero também agradecer a todo o povo do samba, às favelas e aos favelados de todo o Brasil, que têm uma produção vasta que precisa cada vez mais ser exponenciada.

Continuando com os agradecimentos, eu também quero citar aqui a minha esposa Iaraci Sacramento Portella Bezerra. Foi ela quem me acolheu em minhas lágrimas quando não consegui evitá-las de cair, nas inúmeras vezes em que pensei em desistir por achar que não cumpria com as minhas obrigações em casa e na família, ou até mesmo na difícil missão de lidar com a linguística e com suas complexidades. Certamente, a minha pequena tem um mérito muito maior do que o meu, sobretudo por sobrecarregar-se para que eu pudesse estudar. Por isso, a defesa deste meu trabalho é uma vitória construída coletivamente.

Continuando... para mim, não tem como falar em letramento sem falar em paternidade e é ao meu filho Miguel Portella Bezerra a quem eu quero agradecer nesse momento. O Miguel foi uma força muito grande que ressignificou o meu trajeto universitário. Com ele, eu tive que aprender muito, foi ele quem mais me ensinou nesse processo todo, sobretudo em como me doar a ele em suas necessidades e em como conciliar com a universidade. Enfim, ele foi o único professor sem o badalado doutoramento desse período universitário.

Neste ponto do texto, eu quero retornar às minhas origens cariocas e fazer vênia àqueles que me deram a vida e que cuidaram de mim para que eu pudesse me tornar quem sou hoje. Bom, eu nasci no Rio de Janeiro de fato. Contudo, não sou dito “carioca da gema”, pois para sê-lo eu precisaria de uma mãe e de um pai carioca, o que eu não tenho. Esse espaço do texto, portanto, eu gostaria de utilizar para agradecer ao auxiliar de serviços gerais Jaime Batista Bezerra e à caixa de supermercado Lucineide da Silva Bezerra. Ele carioca, ela paraibana e ambos com genealogia paraibana, estes são de quem eu me orgulho e também são o meu espelho como ser humano, eles foram quem me ensinaram muito sobre ser carioca, favelado, suburbano, filho de nordestina e seus paradigmas. Não basta ser suburbano, tem que ter sangue nordestino correndo nas veias. Como sou filho de pais solteiros, que é outro paradigma de famílias cariocas suburbanas, eu também quero aqui fazer memória à Maria Madalena Ferreira Angelo, pernambucana, e mãe de três filhos, que foi e é a minha referência

de favela, pois ela foi minha mãe de criação. Era ela quem cuidava de mim para que a minha mãe de sangue pudesse trazer, muitas vezes, o pão para casa. E gostaria de acrescentar que, se todos esses citados acima não fossem agentes de letramento, certamente de nada ou de muito pouco valeria o trabalho dos que vou citar posteriormente.

Estar na unilab é adentrar a favela, e quero dizer que eu nunca dissociar um ambiente de outro: aqui vemos o valor que essa minoria múltipla tem. Aqui a favela faz ciência; aqui a gente se debruça sobre os livros sem perder a essência; aqui nós militamos sem perder de vista o que é bom para nós e para os nossos lugares de fala; aqui eu quero dizer o meu muito obrigado a esse lugar que me ensinou a desconstruir o pensamento. O *Campus dos Malês* é um campus pequeno que fica na Bahia e, dado o número de alunos, podemos ter uma relação ímpar com os professores. O Campus dos Malês (Bahia) foi um campus que derrubou todo o meu conceito de universidade, pois aqui, para além da relação aluno/ professor, nós também podemos ter uma profunda relação de amizade com alguns dos docentes, e isto também faz dessa experiência única.

Por fim, quero agradecer à professora doutora Sabrina Rodrigues Garcia Belsabore, ao professor doutor Denílson Lima Santos e ao Professor doutor Alexandre Cohn e a todos os seus formadores, pois estes são resultado da luta de outros professores, assim como eu sou resultado da luta deles. A estes o meu muito obrigado, porque para além de serem banca desse trabalho de conclusão de curso, me ajudaram muito a refletir não só sobre letramento, mas também me ajudaram a pensar no ser professor e qual o seu papel perante a sociedade. Muito obrigado a todos que, de alguma forma, me ergueram até aqui.

RESUMO

Esse trabalho tem por finalidade trabalhar o conceito e a aplicação de letramento de (re)existência, bem como fazer com que, através dele e do samba, possamos resistir como favelados em meio a um sistema que prima pela regra e pelo extermínio das comunidades faveladas cariocas, que são geralmente negras e nordestinas. Essa pesquisa parte do pressuposto de que há uma real necessidade de se trabalhar o conteúdo de língua portuguesa de forma diferenciada, sendo um apoio para a base escolar a partir de uma educação libertária e de emancipação, através das diversas identidades faveladas. Como já dito, nesse trabalho, nós advogamos por letramentos múltiplos e letramento de (re)existência, pensado em um movimento de desconstrução ou, até mesmo, de recontagem da história, a partir de uma perspectiva antirracista. Através da história do bairro de Vila Isabel e da influência afro-brasileira que o samba tem e que a Unidos de Vila Isabel canta e conta através dos sambas de 1988 e 2012, propomos sequências didáticas a serem trabalhadas em práticas de letramento críticas em escolas cariocas.

Palavras-chave: Antirracismo - Vila Isabel (Rio de Janeiro, RJ). Letramento - Aspectos sociais - Vila Isabel (Rio de Janeiro, RJ). Língua portuguesa - Estudo e ensino. Unidos de Vila Isabel (Escola de Samba) - Canções e música.

ABSTRACT

This research aims to work the concept and application of (re) existence literacy, as well as make it possible through it and samba to resist as slum dwellers in a system that strives for the rule and extermination of slum communities. cariocas, who are usually black and northeastern. This research assumes that there is a real need to work the Portuguese language content in a different way, being a support for the school base from a libertarian education and emancipation, through the various favelas identities. As already mentioned, in this paper, we advocate for multiple literacies and literacy of (re) existence, thought of a movement of deconstruction or even retelling of history, from an anti-racist perspective. Through the history of the neighborhood of Vila Isabel and the Afro-Brazilian influence that samba has and that Unidos de Vila Isabel sings and tells through the sambas of 1988 and 2012, we propose didactic sequences to be worked on critical literacy practices in Rio de Janeiro schools.

Keywords: Anti-racism - Vila Isabel (Rio de Janeiro, RJ). Literacy - Social aspects - Vila Isabel (Rio de Janeiro, RJ). Portuguese language - Study and teaching. Unidos de Vila Isabel (Samba School Group) - Songs and music.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Representação dos bairros da cidade do Rio de Janeiro	14
Figura 2	Avenida Boulevard 28 de setembro. (Rua principal de Vila Isabel)	15
Figura 3	Antigo Jardim Zoológico do Rio de Janeiro situado na rua Visconde de Santa Isabel, 272-Vila Isabel	16
Figura 4	Estádio Jornalista Mário Filho - Maracanã	16
Figura 5	Complexo dos Macacos (morro situado em Vila Isabel)	17
Figura 6	Partituras desenhadas no chão da Avenida 28 de setembro	18
Figura 7	Escudo da <i>G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel</i>	22
Figura 8	Unidos do Peruche celebra os 80 anos do Dikamba da vila.	24
Figura 9	Oxalá, salve a princesa! A saga de uma guerreira negra! Desfile da Escola Mancha Verde, em 2019.	28
Figura 10	História pra ninar gente grande. Desfile da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, em 2019.	28
Figura 11	Meu Deus, meu Deus, está extinta a escravidão? Desfile da Escola Paraíso do Tuiuti, em 2018	30
Figura 12	Escola Municipal Noel Rosa	37
Figura 13	Notícia do morro dos Macacos (2014)	37
Figura 14	Notícias sobre estudantes sem aula (2017)	38
Figura 15	Notícia sobre Vila Isabel (2019)	38
Figura 16	Épico desfile <i>Kizomba – A festa da raça</i> da Unidos de Vila Isabel, 1988	43
Figura 17	Detalhe do desfile da Unidos de Vila Isabel de 1988.	45
Figura 18	O pensador – escultura símbolo do povo angolano	46
Figura 19	Antonio Pitanga como Zumbi dos Palmares	47
Figura 20	Martinho da Vila	47
Figura 21	Esquema de sequência didática	49
Figura 22	Martinho da Vila no desfile da Tom Maior (2009)	53
Figura 23	Martinho da Vila no desfile da Unidos do Peruche (2018)	54
Figura 24	Semba dos ancestrais	54
Figura 25	Carro Alegórico O Imbondeiro	57
Figura 26	Carro alegórico <i>Castelo da rainha Nzinga, rainha do Ndongo e</i>	58

do Matamba, símbolo da resistência ao colonialismo português

Figura 27 Carro alegórico

59

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	VILA ISABEL: ENTRE O BAIRRO E A ESCOLA DE SAMBA	14
2.1	VILA ISABEL: O BAIRRO CONTEMPORÂNEO	14
2.2	A VILA COLONIAL: VILA TE “EMPRESTO” O MEU NOME	18
2.3	VILA ISABEL: BERÇO DO SAMBA E CADA DOS BAMBAS	20
3	CARNAVAL E EDUCAÇÃO	26
3.1	TEORIA DA CARNAVALIZAÇÃO	26
3.2	A “ESCOLA” DE SAMBA	29
4	REFLEXÕES PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA	32
4.1	A IMPORTÂNCIA DA CULTURA PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA	32
4.2	AS ESCOLAS DE SAMBA NA PRODUÇÃO DO ENSINO AFRO-CENTRADO COMO UMA DAS POSSIBILIDADES PARA O COMBATE AO RACISMO INSTITUCIONAL E ESTRUTURAL	33
4.3	CONTEXTO SÓCIO-GEOGRÁFICO-ESCOLAR EM VILA ISABEL	35
4.4	SAMBA E LETRAMENTO NO CONTEXTO ESCOLAR	39
5	LETRAMENTOS A PARTIR DE SAMBAS-ENREDO DE VILA ISABEL	42
5.1	<i>KIZOMBA, A FESTA DA RAÇA</i>	42
5.2	<i>VOCÊ SEMBA LÁ QUE EU SAMBO DE CÁ</i>	52
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
	REFERÊNCIAS	65

1 INTRODUÇÃO

Por fim, a educação em língua portuguesa é libertadora!

Começar a introdução com a expressão “por fim” tem um significado importante para mim. Para além de deixar politicamente clara a minha oposição aos normativos e àqueles que pensam na regra como elemento fundamental, quebro um paradigma ao começar a introdução com o expressão “por fim” e não deixo de ser professor por conta disso.

Para além de toda a nossa história, a história dos nossos ancestrais, dos lugares de onde viemos, havemos de convir que temos como herança a língua portuguesa, que é marca forte da morte de indígenas e de negros, portanto é uma língua genuinamente glotocida. Assim, temos que pensar em uma língua portuguesa nossa, abasileirada, pensar nas riquezas em que as variações linguísticas nos trazem, quem sabe isso não amenize a nossa dor. Para além dos estragos que a língua portuguesa fez e ainda faz em territórios brasileiros, temos que pensar também quanta riqueza a África nos trouxe, lógico, sem querer minimizar o que os algozes nos fizeram, mas se hoje sambamos é por conta desse contato, dessa melanina, dos filhos de escravizados, negros, indígenas. É por conta de tirar proveito de algo bom nas desgraças que o povo lusitano plantou nessas terras, sem falar no que ele roubou.

Este trabalho de conclusão de curso vem coroar uma educação pensada para aqueles que sempre foram postos à margem. Esse trabalho não versa sobre o diálogo da “consciência humana”, se é que um dia tivemos consciência... esse trabalho versa a partir da lei 10.639/2003, pensando justamente naqueles que nunca tiveram voz e nem vez, “na carne (que um dia foi a) mais barata do mercado”. Ao escrever esse trabalho, também pensei nos professores que não tiveram acesso à universidade e à formação de qualidade, pois lembrei que nos deixar à margem enquanto professores também é papel do Estado.

Utilizar o samba como um ponto focal do trabalho é uma proposta de não nos distanciarmos da realidade para formar e letrar. Lembrando que os barracões ficam próximo das favelas e, de fato, são uma das únicas formas de lazer próximas à favela. Assim sendo, fica fácil e gostoso pensar a língua portuguesa nesse contexto, uma vez que, para além da escola tradicional ser um lugar muito incômodo para se letrar, nós temos como contrapeso a leveza da herança negra, que é o samba, e de quebra podemos trabalhar a língua portuguesa nas suas mais diversas competências.

Antes de prosseguirmos, vale ressaltar que, no Rio de Janeiro, palavra *favela* pode ser usada no contexto em que a segurança de determinada comunidade não é fornecida pelo

Estado e sim por uma administração local. Essa palavra geralmente é sinônimo de “comunidade” e é usada por quem mora na *pista* ou no *asfalto*.

Para entrelaçar a formalidade acadêmica ao desabafo científico de meu TCC, venho apresentar os capítulos do meu trabalho. O capítulo 01 vem fazer reflexões sobre a Vila Isabel enquanto bairro e enquanto escola de samba, somente para que o leitor que não conhece ambas possa, através desse capítulo, passar a conhecer tanto o bairro quanto a escola.

O capítulo 02, por sua vez, vem inter-relacionar o samba à educação. Nesse capítulo, eu comento sobre como se dá a educação na passarela do samba e associo ao fato de que pode ser um esboço dentro da sala de aula. Ademais, falo sobre o poder daquilo que é cantado e dos desfiles e do conhecimento que isso gera até mesmo para a comunidade acadêmica.

No capítulo 03, eu trago algumas reflexões para uma educação antirracista, como a grande relevância da identidade cultural e também da inserção de um ensino afro-centrado. Como eu comecei esse capítulo com “por fim”, no capítulo 04, eu trago o abre alas do trabalho, e de fato acho que isso não trará decréscimos avaliativos e nem complicará àqueles que ora possam ter a experiência dessa leitura. Nesse capítulo, portanto, eu mais uma vez retrato a importância da comunidade favelada no trabalho, bem como a análise do samba-enredo “Kizomba a festa das raças”, de 1988, e também o samba-enredo “Você Semba de Lá, Que Eu Sambo de Cá - O Canto Livre de Angola”, de 2012 e sugestões de possíveis sequências didáticas a serem trabalhadas no ensino fundamental.

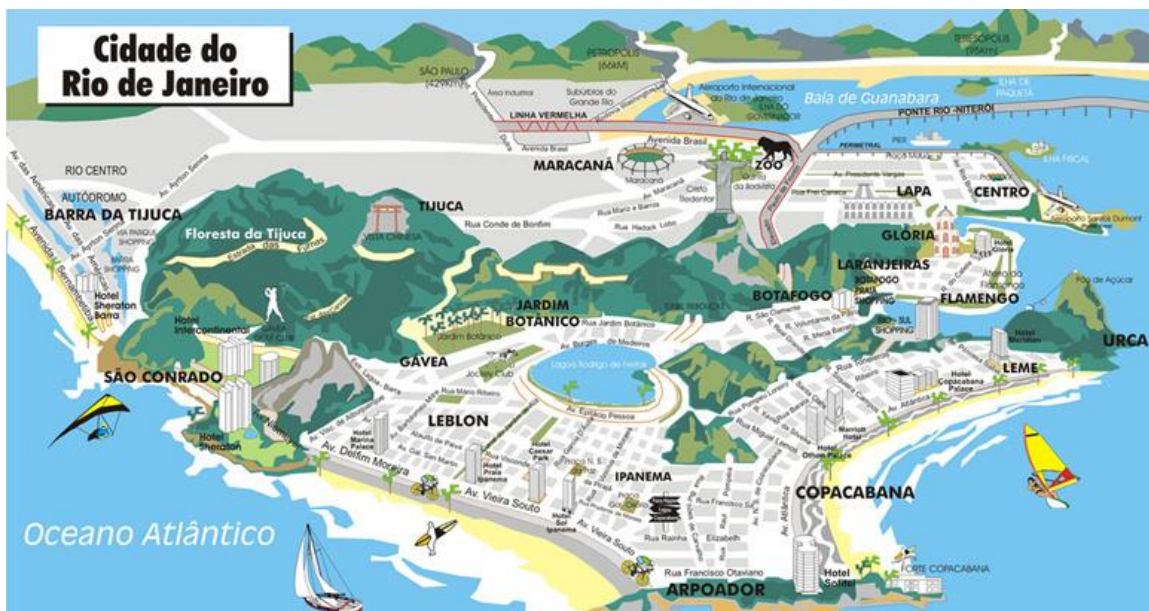
2 CAPÍTULO 01: VILA ISABEL: ENTRE O BAIRRO E A ESCOLA DE SAMBA

Os objetivos gerais desse capítulo são localizar o leitor quanto aos espaços dos quais falamos, embora falemos no bairro de Vila Isabel, no Complexo dos Macacos e na escola de samba, ficam todos no mesmo bairro. Contudo, é importante destacar que são espaços distintos e que tem que ser respeitados em suas especificidades. Perpassa-se, então, sobre a Vila Isabel enquanto bairro contemporâneo e sobre a Vila colonial: Vila te “empresto” o meu nome até chegar à escola de samba.

2.1 VILA ISABEL: O BAIRRO CONTEMPORÂNEO

Não é possível discorrer sobre os ícones desse trabalho sem conhecer a história do bairro de Vila Isabel. O bairro carioca é localizado na zona norte do município do Rio de Janeiro, mais especificamente na Grande Tijuca (cf. figura 01). Segundo o censo de 2010, trata-se de um bairro que conta com uma população aproximada de 189.310 habitantes.

Figura 1 - Representação dos bairros da cidade do Rio de Janeiro



Fonte: Rio de Janeiro aqui¹

¹ Disponível em: <https://www.riodejaneiroaqui.com/pt/mapa-turistico.html>. Acesso em 19 setembro 2019.

O bairro de Vila Isabel tem por principal via a avenida Boulevard 28 de setembro (cf. figura 02). Ele conta com um antigo Jardim Zoológico – que hoje foi feito de parque (cf. figura 03) –, e com a Escola de Samba *Unidos de Vila Isabel*, uma das protagonistas desse trabalho. Destaca-se, ainda, a proximidade com outros bairros, que igualmente carregam a tradição do samba em sua raiz, que são: Tijuca (que possui a *Acadêmicos do Salgueiro* e a *Unidos da Tijuca*) e o Bairro da Mangueira (com a *Estação Primeira de Mangueira*, do saudoso mestre Jamelão: uma tradicional referência do samba carioca). Para além de escolas de samba, o bairro também é próximo da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e também do Estádio de Futebol Jornalista Mario Filho, o Maracanã ou o popular Maraca (cf. figura 04).

Figura 2 - Avenida Boulevard 28 de setembro. (Rua principal de Vila Isabel)



Fonte: Twitter @operaçõesRio

Figura 3 - Antigo Jardim Zoológico do Rio de Janeiro situado na rua Visconde de Santa Isabel, 272-Vila Isabel



Fonte: literaturaeriodedejaneiro.blogspot

Figura 4 - Estádio Jornalista Mário Filho - Maracanã



Fonte: Máquina do Esporte Uol

Como se vê no resumo acima sobre a localização da Vila Isabel, é possível perceber que o bairro, em sua essência, não é muito acessível a todo o tipo de população em suas ruas, ou seja, ele não se constitui como um espaço muito democrático socioeconomicamente. Contudo, ele conta com a ilustre presença do Complexo dos Macacos (cf. figura 05). Trata-se de um complexo que acolhe toda a população de poder aquisitivo menos favorecido de Vila

Isabel. É também onde se encontra a vanguarda do samba da Vila Isabel, pois se não fosse a comunidade “desfavorecida”, a arte do carnaval não teria tanto brilho, tanta pompa e tanta alegria.

Figura 5 - Complexo dos Macacos (morro situado em Vila Isabel)



Fonte: Facebook complexo dos macacos.

A noite da Vila Isabel é muito boêmia, repleta de bares e restaurantes, à lá Noel Rosa. O chão da sua principal rua é tomada por claves (cf. figura 06) desde a praça Maracanã até a praça Sete. As ruas da Boulevard 28 de setembro (ou, como popularmente é conhecida, somente “28 de setembro”) – têm desenhadas no chão as claves das seguintes músicas: *Cidade Maravilhosa*, *Ô Abre Alas*, *Pelo Telefone*, *Malmequer*, *Feitiço da Vila*, *Ave-Maria*, *Aquarela do Brasil*, *Carinhoso*, *A conquista do ar*, *Luar do sertão*, *Chão de estrelas*, *Linda morena*, *A voz do violão*, *Na Pavuna*, *Primavera do Rio*, *Apanhei-te cavaquinho*, *Floribela e Renascer das cinzas*. Essa última é de Martinho da Vila que está pintada bem na praça Drummond de Andrade:

Figura 6 - Partituras desenhadas no chão da Avenida 28 de setembro



Fonte: Inforio.blogspot

2.2 A VILA COLONIAL: VILA TE “EMPRESTO” O MEU NOME

Uma vez tendo sido conhecida a Vila Isabel contemporânea, agora é hora de ir ao túnel do tempo até a Vila Colonial, ou melhor, à Fazenda dos Macacos. O bairro de Vila Isabel conta com alguns “ícones” históricos do Brasil colonial e pós-colonial. No entanto, tendo em vista a amplitude dos termos “colonial” e “pós-colonial”, vou delimitá-los e restringir-me em narrar a partir do viés de Drummond e Isabel. Além disso, sobre o pós-colonial, ficarei centrado a partir da problemática figura de Noel Rosa.

A história colonial, na demarcação do referente bairro, se dá com a presença de personagens controversos da história do Brasil. A princípio, destacamos João Batista Viana Lima de Drummond, que teria por uma das suas aquisições mais valiosas a Fazenda dos Macacos, região onde está atualmente situada a Vila Isabel. Considerado como um dos maiores empreendedores pela sociedade daquela época, o barão de Drummond trouxe requinte à francesa Vila Isabel e não é difícil saber o porquê, haja vista que aquelas terras passaram a ser povoadas pela nobreza e o francês passou a ser a língua de prestígio na época. Logo, começamos a compreender o porquê da herança da Boulevard 28 de setembro que, por coincidência ou não, faz referência à data da promulgação do ventre livre².

Também foram apreciadores dessa região da Fazenda dos Macacos os membros da família real portuguesa, como Dom Pedro, a Duquesa e a Princesa Isabel – a qual dá nome ao

² A lei do ventre livre foi uma lei abolicionista, promulgada em 28 de setembro de 1871, assinada pela Princesa Isabel. Esta lei considerava livre todos os filhos de mulheres escravizadas nascidos a partir da data da lei. Para maiores informações, cf: https://www.suapesquisa.com/historiadobrasil/lei_ventre_livre.htm

bairro. Esses representantes da corte foram personagens de sambas-enredo, como podemos contemplar na letra do samba da escola *Unidos de Vila Isabel*, em 1994:

Era a Fazenda dos Macacos
A preferida do imperador desta nação
Também fui o dote de d. Pedro pra duquesa
Com o progresso de Drummond
Ganhei cultura e requinte à francesa³

De acordo com informações divulgadas pela Biblioteca Nacional, em homenagem aos 450 anos do Rio de Janeiro (2015)⁴, a fundação do bairro de Vila Isabel se efetivou, em 1873, pelo Barão Drummond, que criou uma Companhia Arquitetônica para a pavimentação dessa localidade. Os diretores dessa Companhia foram o Barão de São Francisco, o médico Visconde da Silva, o vereador Bezerra de Menezes e Temístocles Petrocochino. O projeto, de responsabilidade do engenheiro Bittencourt da Silva, previa inicialmente a abertura de 13 ruas que partiriam do Boulevard 28 de Setembro.

Assim sendo, Vila Isabel foi o primeiro bairro planejado do Rio de Janeiro, no século XIX, final do período imperial. Seu projeto foi concebido e realizado pela Companhia Arquitetônica Vila Isabel e o nome do bairro homenageia a princesa que assinou a lei da abolição da escravatura no país. No centro do bairro, situa-se o Boulevard 28 de setembro. A avenida foi uma das primeiras na cidade a ser construída à moda parisiense: duas vias largas com um canteiro central. Atualmente, esse Boulevard é o centro comercial de Vila Isabel. (SIQUEIRA; AMARAL, 2011, p.5).

Já me aproximando do período pós-colonial, destaco outro cooperador das tradições das ruas de Vila Isabel: o bacharel em medicina Noel de Medeiros Rosa, ou popularmente Noel Rosa. Noel, que para além de médico e indigno do rótulo de bamba⁵, também foi sambista, cantor, compositor, bandolinista e violonista, foi uma grande “referência” para o “asfalto”⁶ da Vila Isabel. Esse músico insistiu em não reconhecer a vanguarda do samba da

³ Vilani Silva Et al, Samba enredo de 1994. Muito prazer! Isabel de Bragança Rosa e Silva, mas pode me chamar de Vila.

⁴ BIBLIOTECA NACIONAL. Rio 450 anos: Bairros do Rio - Vila Isabel. Disponível em <https://www.bn.gov.br/noticia/2015/05/rio-450-anos-bairros-rio-vila-isabel>. Acesso em 13 julho 2019.

⁵ **Bamba**: adjetivo usado para classificar uma pessoa que é perita em um assunto específico, ou seja, um indivíduo que é extremamente bom no que faz/atua. Nesse contexto, a palavra é advinda de outra, no caso, do quimbundo MBAMBA.

⁶ **Asfalto**: asfalto ou pista é um tipo de nomenclatura utilizada para quem não mora em morros ou favelas, ou seja, morar na pista ou no asfalto significa que a pessoa não tem que lidar com o cotidiano da periferia.

Vila Isabel, que parte do Complexo dos Macacos e dos negros que referenciam o berço do samba.

Acerca disso, uma das interpretações possíveis para a escolha de “Renascer das cinzas” ser pintada no meio da praça Drummond de Andrade – também conhecida como Praça Sete –, para além de selar a Vila oficialmente como celeiro de bambas, é também para trazer o negro como protagonista da história do bairro. Uma vez que o bairro foi habitado por escravizados e a escola de samba conta com personalidades negras fundamentais, a exemplo de Martinho da Vila e a majoritária população reconhecidamente negra do Complexo dos Macacos, é possível interpretar *Renascer das cinzas* como o renascimento do bairro, da escola e uma reconstrução ressignificada da contagem da história.

Vamos renascer das cinzas
Plantar de novo o arvoredo
Bom calor nas mãos unidas
Na cabeça de um grande enredo
Ala de compositores
Mandando o samba no terreiro
Cabrocha sambando
Cuíca roncando
Viola e pandeiro
No meio da quadra
Pela madrugada
Um senhor partidário

Sambar na avenida
De azul e branco
É o nosso papel
Mostrando pro povo
Que o berço do samba
É em Vila Isabel

Tão bonita a nossa escola!
E é tão bom cantarolar
La, la, iá, iá, iá, iá, ra iá
La, ra, iá

(Martinho da Vila).⁷

2.3 VILA ISABEL: BERÇO DO SAMBA E CASA DOS BAMBAS

Um dos objetos principais da nossa abordagem de pesquisa, sem dúvidas, é Vila Isabel. Esse bairro e a Escola de Samba constituem o objeto central de nossa discussão. Em função disso, a escola será, a partir de agora, mais detalhadamente caracterizada. A *Grêmio*

⁷ Música retirada do seguinte site: <https://www.lettras.mus.br/martinho-da-vila/287466/>.

Recreativo Escola de Samba Unidos de Vila Isabel é uma escola tradicional do município do Rio de Janeiro e do carnaval carioca, que traz para seus carnavais ícones imortais da história do bairro e do Brasil. Assim sendo, Anastácia, Zumbi, Noel Rosa, Martinho da Vila e Angola estão presentes em inúmeros carnavais da Vila Isabel.

A escola de samba Unidos de Vila Isabel foi fundada por Antônio Fernandes da Silveira, popularmente conhecido como Seu China, em 04 de abril de 1946. Apesar de Seu China não ter nenhum laço com o país oriental, tinha olhos puxados. Além da Vila Isabel, ele também frequentou a azul e branco do Salgueiro, que se originara anos depois como *Acadêmicos do Salgueiro*. Essa escola foi a primeira madrinha da Vila Isabel, antes de sua extinção e união. A Vila Isabel então recebeu um novo batismo da *Portela*, que hoje é a sua escola madrinha

O primeiro desfile da Unidos de Vila Isabel, em 1947, sobre o comando do carnavalesco Miguel Moura, conquistou o 12º lugar, cantando “*Escrava Rainha*”, do compositor Paulo Brasil. Mais especificamente sobre Paulo Brasil, é preciso destacar que ele foi o primeiro compositor da Escola, e ficou de 1947 até 1950 e depois de 1952 a 1959, retomando em 1961 até 1965, ano em que ocorreu seu último campeonato pela Unidos de Vila Isabel. Martinho da Vila, por sua vez, estreou como compositor em 1967, com o enredo “*Carnaval das ilusões*” e permanece até hoje na produção carnavalesca da escola.

A Unidos de Vila Isabel é campeã de três carnavais cariocas. Em 1988, o tema do samba-enredo campeão foi Kizomba, a festa da raça⁸. Em 2006, conquistou o título de campeã com *Soy loco por ti américa – a vila canta a latinidade* e, por fim, em 2013, com *A Vila canta o Brasil, celeiro do mudo – “água no feijão que chegou mais um”*.

O escudo da escola (cf. figura 07) faz vênias a situações históricas pontuais que nos auxiliam a compreender o nascimento da escola. No alto do brasão, há a coroa da princesa Isabel de Bragança, que faz menção ao empréstimo do nome ao bairro, por ele ser historicamente conhecido como o favorita da princesa. A pena representa um dos maiores moradores de Vila Isabel, Noel Rosa, muito embora ele não tenha visto a criação da escola, por conta da morte prematura em 4 de maio de 1937, em decorrência a uma tuberculose, aos 26 anos. O bacharel em Medicina foi acolhido como ícone da escola e dá nome à Bateria da escola, que é um dos setores mais importantes, a saber: “Swingeira de Noel”. Em

⁸ Esse samba-enredo é objeto de estudo da presente monografia.

contrapartida a Noel, vem o pandeiro, que faz menção aos bambas e a clave de sol que provavelmente represente as bossas, a boa melodia e a cadência do samba.

Figura 7 - Escudo da G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel



Fonte: site da Escola⁹

Noel Rosa foi prestigiado com um enredo direto, em 2010, sacramentando o quarto lugar, com o título “*Noel: a presença do Poeta da vila*”. O presente desfile contou alguns fatos da vida de Noel, citou o cometa Halley e a Revolta da Chibata, que perpassam o ano de seu nascimento. A personalidade boêmia de Noel e a sua assiduidade aos cabarés também foram destacadas no samba-enredo. O mais intrigante desse samba é que o bacharel em medicina brincava em blocos com mulheres negras e subia o morro sem preconceitos sociais. Justamente isso foi tema de uma contenda, traduzida em canção, que se chama *Feitiço da vila*, de autoria do não-bamba Noel Rosa. De fato, Noel é uma figura elitista tida como complexa por críticos de samba por conta de alguns questionamentos feitos a partir da reprodução do samba *Feitiço da vila*. Essa canção foi uma resposta ao grande bamba Wilson Batista, que tinha por estereótipo ser o sambista da malandragem.

Quem nasce lá na Vila
 Nem sequer vacila
 Em abraçar o samba
 Que faz dançar os galhos,
 Do arvoredo e faz a lua,
 Nascer mais cedo.

⁹ Disponível em <http://www.unidosdevilaisabel.com.br/#>. Acesso em 19 setembro 2019.

Lá, em Vila Isabel,
 Quem é bacharel
 Não tem medo de bamba.
 São Paulo dá café,
 Minas dá leite,
 E a Vila Isabel dá samba.

A vila tem um feitiço sem farofa
 Sem vela e sem vintém
 Que nos faz bem
 Tendo nome de princesa
 Transformou o samba
 Em um feitiço descente
 Que prende a gente

O Sol da Vila é triste
 Samba não assiste
 Porque a gente implora:
 "Sol, pelo amor de Deus,
 não vem agora
 que as morenas
 vão logo embora

Eu sei tudo o que faço
 sei por onde passo
 paixão não me aniquila
 Mas, tenho que dizer,
 modéstia a parte
 meus senhores...
 Eu sou da Vila!

(Noel Rosa-1934)

Se cabe o nome de tradicional a Noel Rosa, é preciso dar o merecido destaque ao Martinho da Vila – que tem Vila por alcunha. Trago isso com todo o respeito a Noel, que é um dos nomes mais tradicionais do samba brasileiro e memorável morador da Vila Isabel. Contudo, Martinho da Vila é um dos maiores compositores que o pavilhão já viu. Ele tem um lugar de fala diferente de Noel e diferente do médico, haja vista que o bamba tem ligação pessoal com a escola e ocupa o posto de presidente de honra da escola. Martinho, inclusive, foi homenageado pela Unidos do Peruche, que celebrou os 80 anos do *Dikamba da Vila*, Martinho da Vila, em pleno Anhembi (São Paulo). Para ilustrar esse desfile memorável, segue a figura 08.

Figura 8 - Unidos do Peruche celebra os 80 anos do Dikamba da vila



Fonte: Observatório dos famosos¹⁰

Martinho da Vila é o compositor do samba de 1988, *Kizomba, a festa da raça*. Nessa canção, ele coloca em lugar de protagonismo personagens de luta, como Zumbi dos Palmares e Anastácia. A partir disso, fica evidente que o Dikamba da Vila tem uma ligação direta com o continente Africano, sobretudo com Angola. Martinho teve o seu primeiro contato com Angola em 1972. Nessa ocasião, o compositor diz ter realizado um sonho. A época, Angola era colônia de Portugal e ainda sentia com maior intensidade os reflexos da opressão. Assim sendo, Martinho afirmava, em 1998, que sentia os impactos do contato com a terra e que sentia ali a sua ancestralidade por meio de vibrações – contou o compositor à Folha de São Paulo no Caderno Raízes, em 16 de março de 1998:

Tive certeza da minha ancestralidade angolana com o estado emocional em que fiquei quando estive em Angola pela primeira vez e pelas vibrações que sinto, até hoje, quando piso naquele solo. A origem precisa da família, no entanto, o compositor desconhece. Além da capital Luanda, fui a cidades e vilas no interior do país e ouvi muitas histórias iguais às que meus avós contavam. (RAIZES, 1998, s/p)¹¹.

Para além da herança portuguesa por colonização e a presença de D. Pedro I, a Princesa Isabel e as influências francesas implantadas pelo empresário e “aboliconista” Barão de Drummond, o encontro com a mãe África foi uma grande contribuição à história da escola

¹⁰ Disponível em <https://observatoriodosfamosos.bol.uol.com.br/noticias/2018/02/enredo-da-peruche-martinho-da-vila-causa-discussao-entre-jornalistas-e-a-escola-de-samba>. Acesso em 05 agosto de 2019.

¹¹ Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/turismo/fx16039806.htm>. Acesso em 05 agosto 2019.

de samba Vila Isabel, proporcionado por Martinho da Vila a partir de Angola. O menestrel da Vila, após cantar *Kizomba, a festa da raça*, em 1988, também produziu para a mesma escola, em 2012, o samba-enredo “*Você samba lá... que eu sambo cá – O canto livre de “Angola*, que também será discutido por esse estudo em seu quarto capítulo.

3 CAPÍTULO 02: CARNAVAL E EDUCAÇÃO

Neste capítulo, veremos o início da construção do encontro da escola tradicional com as escolas de samba. Além disso, nos debruçaremos sobre a teoria da carnavalização de Mikhail Bakhtin e sobre o protagonismo que as escolas de samba têm tido em cantar a cultura Negra. É neste capítulo onde começamos a perceber o início de uma aliança muito poderosa entre dois ambientes de saberes: a escola tradicional e a escola de samba.

3.1 TEORIA DA CARNAVALIZAÇÃO

A tradição carnavalesca carioca tem por um dos objetivos principais unir classes sociais, agremiações e as mais diversas variações linguísticas conhecidas no Brasil, oriundas das pessoas das mais diversas regiões brasileiras que vão morar no Rio de Janeiro e encontram-se no samba, em prol da diversão e em prol da tradição que, a cada ano que passa, é mais presente.

Com uma intenção de se refletir um pouco mais sobre o carnaval, convém destacar o teórico russo Mikhail Bakhtin (1981). Ele nos traz um conceito que, a priori, é complexo, mas que seria a utópica junção de classes sociais nesse momento festivo do carnaval – a teoria da carnavalização. Acerca desse conceito, Claudiana Soerensen, em seu artigo denominado *A carnavalização e o riso segundo Mikhail Bakhtin* (2011), afirma que

O carnaval na concepção do autor é o *locus* privilegiado da inversão, onde os marginalizados apropriam-se do centro simbólico, numa espécie de explosão de alteridade, onde se privilegia o marginal, o periférico, o excludente. O espetáculo carnavalesco – sem atores, sem palco, sem diretor – derruba as barreiras hierárquicas, sociais, ideológicas, de idade e de sexo. Representa a liberdade, o extravasamento; é um — mundo às avessas no qual se abolem todas as abscissas entre os homens para substituí-las por uma atitude carnavalesca especial: um contato livre e familiar entre os homens. Segundo Bakhtin (1981: 105) o que se abolia, principalmente, durante o carnaval era a hierarquia. Leis, proibições e restrições, padrões determinantes do sistema e da ordem cotidiana, isto é, extracarnavalesca, são suspensas durante o carnaval: —revoga-se antes de tudo o sistema hierárquico e todas as formas conexas de medo, reverência, devoção, etiqueta, etc., ou seja, tudo o que é determinado pela desigualdade social hierárquica e por qualquer outra espécie de desigualdade (inclusive a etária) entre os homens. A carnavalização adere a essa visão vasta e popular de carnaval que se opõe ao sério, ao individual, ao medo, à discriminação, ao dogmático (SOERENSEN, 2011, p.320).

Assim sendo, para me debruçar sobre a história da escola Vila Isabel, preciso entender bem o conceito de carnavalização. Devo, então, começar pela etimologia da palavra *carnaval*

que nos remete a um tipo de via-sacra ou procissão de Deus ou povos mortos. Vamos reparar na seguinte construção: *Karne* ou *karth*, que significaria *lugar santo*; e *val* ou *wal*, que estariam ligadas à morte. Teríamos, então, nessa composição “lugar santo de Deuses mortos”, ou seja, uma espécie de culto a Deuses mortos. Nesse contexto, Soerensen (2011) destaca que:

Para explicar a tenacidade da ideia de carnaval, Mikhail Bakhtin cita a procura original da palavra, afirmando que é possível observar, desde a segunda metade do século XIX, os numerosos autores alemães defenderem a tese da origem alemã do termo carnaval, o qual teria a sua etimologia de *Karne* ou *Karth*, ou ‘lugar santo’ (isto é, a comunidade pagã, os deuses e seus servidores) e de *val* (ou *wal*) ou ‘morto’, ‘assassinado’. Carnaval significaria, portanto, ‘procissão dos deuses mortos’. Ou seja, a ideia de carnaval, em sua busca etimológica, é compreendida como a procissão dos deuses destronados (SOERENSEN, 2011, p.319).

Nessa perspectiva, podemos livremente fazer uma associação à ideia de que os participantes da elaboração e do desfile da escola de samba, em função do tema do sambanredo, narram a história de heróis¹². Para isso, usam a fantasia carnavalesca, que foi introduzida também na cultura popular.

Na sequência desse paradigma, é válido destacar que, além do carnaval ser multicultural, pensando em educação, o carnaval também é multidisciplinar, pois as artes carnavalescas podem ser facilmente incorporadas a qualquer disciplina. Desse modo, nos estudos linguísticos e na literatura, podemos percebê-los de várias formas, desde a variação linguística empregada nas múltiplas sociedades brincantes até as histórias contadas na Sapucaí. Por meio desse olhar, observamos que as letras dos sambas enredos, muitas vezes, mergulham no sincrético, ou seja, culminam em religiões, filosofias, visões de mundo. Outras tantas vezes, perpassam pela ficção resgatando a ideia de heróis.

Acerca dessa questão, convém ressaltar que há uma tendência em elaborar-se sambas-enredo que reescrevem e ressignificam a história, trazendo como heróis aqueles que sempre estiveram à margem. Como exemplo dessa assertiva, observamos as histórias de Zumbi dos Palmares e de Anastácia sendo narradas pela Vila Isabel em 1988; assim como Aqualtune teve sua história descrita pela G.R.E.S Mancha Verde em 2019 (cf. figura 09); nesse mesmo sentido, a Revolta dos Malês, Luiza Mahin, Mariele Franco tiveram suas trajetórias

¹² Nesse trabalho de conclusão de curso, gostaríamos de associar o **herói** ao protagonismo do negro no samba e ao seu reconhecimento (vide as letras do sambas que são apresentadas nas páginas 44 e 56). Também podemos afirmar que existem heróis que lutam para contar essas histórias, seja fazendo valer a lei 10.639/2013, seja os favelados que trabalham dentro dos barracões ou aqueles que simplesmente lutam pela sua sobrevivência no contexto de favela.

destacadas pela Estação Primeira de Mangueira, em 2019 (cf. figura 10). Em suma, esses exemplos ilustrativos nos fazem melhor compreender que a “transposição do carnaval para a linguagem da literatura que chamamos carnavalização da literatura” (BAKHTIN, 1981, p.105).

Figura 9 - Oxalá, salve a princesa! A saga de uma guerreira negra! Desfile da Escola Mancha Verde, em 2019



Fonte: Destak Jornal¹³

Figura 10 - História pra ninar gente grande. Desfile da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, em 2019



Fonte: Blog do Paulo Carrano¹⁴

¹³ Destak Jornal. Disponível em <https://www.destakjornal.com.br/fotografias/detalhe/mancha-verde-apresenta-as-lutas-da-princesa-africana-aqaltune>. Acesso em 03 setembro 2019.

¹⁴ Blog do Paulo Carrano. Disponível em <https://paulocarrano.blog/2019/03/05/mangueira-2019-desfile-completo/>. Acesso em 03 setembro 2019.

Debruçando-me ainda mais sobre o conceito de carnavalização que perpassa pelo êxtase da alegria e também debruçando-me sobre a tradição do carnaval no Rio de Janeiro e pela sociedade local das escolas de Vila Isabel e regiões adjacentes, percebo-me dentro de um paradigma sem fim. Isso posto, fica evidente que esses personagens, letras e enredos das escolas de samba teriam grande possibilidade de adentrar os espaços escolares como possibilidade de *letramento de resistência*¹⁵. Em outras palavras, compreendo que o universo do carnaval representa uma grande potencialidade para se compor os currículos escolares a partir da vivência social de cada aluno, para levá-los a outros lugares, como os literários. Nesse caso, a comunidade escolar poderia sair como se fossem blocos e fazerem intervenções, aproveitando-se justamente desse tempo de alegria para levar o conhecimento às sociedades a partir do samba, a partir do dia-a-dia das escolas e das identificações e assim produzir outros elementos carnavalescos, com o intuito de também explorar a cultura local, sair do tradicionalismo escolar e (re)existir com novos métodos de ensino. Em paralelo a sair do ambiente tradicional, poderíamos pensar também na possibilidade das agremiações visitarem as escolas ou saírem em bloco conjunto com as escolas, ou poderíamos pensar em programar aulas nos espaços dos barracões ou até mesmo na cidade do samba. Assim sendo, os letramentos poderiam ser dar por meio da perspectiva da alegria, tal como relata Bakhtin (1999):

O denominador comum de todas as características carnavalescas que compreendem as diferentes festas, é a sua relação essencial com o tempo alegre. Por toda a parte onde o aspecto livre popular se conservou, essa relação com o tempo e, conseqüentemente, certos elementos de caráter carnavalesco, sobreviveram (BAKHTIN, 1999, p.191).

3.2 A ESCOLA DE SAMBA

Explorado o conceito de carnavalização, poderíamos agora correlacioná-lo à perspectiva da educação. Quando pensamos em comunidade *escolar* de uma forma tradicional, pensamos em um ambiente onde o ensino é dado e não adquirido. O termo *adquirir*, nesse caso, não está de nenhuma forma ligado a questões financeiras e, sim, à troca de conhecimentos ou à escola como um lugar de saberes.

¹⁵ O conceito de *letramento de resistência* será detalhadamente descrito na seção três dessa monografia.

Então, partindo desse pressuposto, podemos mergulhar no conceito de *escola de samba*. A escola de samba não é, de forma alguma, um lugar muito diferente da escola tradicional, pois lá também se adquire o saber, pois existe a inserção a temas distantes, que nem a própria escola tradicional se aprofunda. São exemplos os temas que envolvem o continente africano, a região nordeste, as religiões brasileiras, afro-brasileiras e africanas, ou então a inserção ao pensamento crítico-político. Essas temáticas são facilmente observáveis no carnaval contemporâneo, vide o carnaval vice-campeão da inesperada Paraíso do Tuiuti, no ano de 2018 (cf. figura 11). Nesse contexto, as comunidades locais são verdadeiras protagonistas de uma relação de ensino aprendizagem, na medida em que vivenciam, por quase um ano, as histórias propostas pelas agremiações escolhidas para mimetizar o samba-enredo.

Figura 11 - Meu Deus, meu Deus, está extinta a escravidão?

Desfile da Escola Paraíso do Tuiuti, em 2018



Fonte: El País¹⁶

Um dos conceitos contemporâneos que devemos manter e lutar para que nunca derrubem é esse conceito marginal do carnaval, ou seja, essa cultura cantada daquele que sempre esteve à margem da sociedade, logo, se uma parcela da elite social passou uma vida

¹⁶ El País. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/12/album/1518434129_825558.html#foto_gal_3. Acesso em 03 setembro 2019.

excluindo a maior parcela da sociedade, o que chamamos de minorias, por que não continuarmos contando e cantando essas histórias? Acerca disso, convém destacar que uma tônica crescente nos carnavais cariocas a partir de 1988 foram as temáticas envolvendo o movimento negro, pois comemoravam-se 100 anos da “libertação” dos escravizados. A partir daí, a contextualização do negro foi vivida, vista e compreendida nas mais diversas óticas.

O carnaval contemporâneo, ainda que tenham suas máscaras, suas fantasias, suas histórias – verdadeiras ou não – não tem contado história “para ninar gente grande”. Esse carnaval carioca, com participação massiva suburbana, da Baixada Fluminense, da Zona Oeste, das demais zonas cariocas, não tem contado histórias para ninar gente grande, muito pelo contrário, tem perpassado espaços por onde as escolas tradicionais não têm tido a coragem de ir por inúmeros motivos, sejam eles pedagógicos, técnicos, estruturais ou, até mesmo, um governo que não seja aberto à cultura popular nas mais diversas instâncias – seja ele municipal, estadual ou federal.

Ainda que tentem frear as arte desse carnaval contemporâneo de 1988 para cá , a cultura já está entranhada na pele do pobre, do favelado, do oprimido e até da própria burguesia, seja a que lucra com o carnaval ou seja a burguesia foliã (burguesia essa que é assídua, tanto nas periferias, como na Mangueira, no Salgueiro, na Tijuca, no Império Serrano, na Vila Isabel ou em qualquer outra escola que tenha uma sociedade favelada forte e que, por horas, honre com as tradições do carnaval e, por horas, rompa com as mesmas).

O que é fato é que essa junção de sociedades de samba e, ao mesmo tempo, a que “dá samba”, faz a troca de saberes, consolida a formação do ser enquanto ser humano. Portanto, mergulham ambas as sociedades (povo e burguesia) numa mesma escola, num mesmo ambiente, aos saberes desconhecidos, ao acesso a outras culturas. Afirma-se, então, que de fato existe inserção ao ensino em escolas de sambas cariocas que se debruçam em perspectivas multiculturais, estreitando laços sociais com aplicações lúdicas, reais e/ou ficcionais. Usa-se como meios educacionais a linguagem, as artes, a oralidade e a inserção propositiva ao pensamento crítico.

4 CAPÍTULO 03: REFLEXÕES PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

4.1 A IMPORTÂNCIA DA CULTURA PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Tomemos por realidade, no contexto escolar brasileiro, a presença de um ensino eurocentrado, na medida em que vemos, como principais referências, os teóricos europeus e o uso de livros didáticos como base para pesquisa, para leitura e para o desenvolvimento de exercícios. Como já havíamos citado no capítulo anterior, advogamos a tese de que seria muito mais oportuno ao processo de ensino e de aprendizagem dos estudantes brasileiros o encontro da comunidade escolar com as suas representações sociais – como as escolas de samba, por exemplo. Essa mesma opinião é advogada por diferentes autores brasileiros, dentre os quais destaca-se Nilma Lino Gomes (2012):

Por isso, uma análise que nos permita avançar ou compreender de maneira mais profunda esse momento da educação brasileira não pode prescindir de uma leitura atenta que articule as duras condições materiais de existência vivida pelos sujeitos sociais às dinâmicas culturais, identitárias e políticas. É nesse contexto que se encontra a demanda curricular de introdução obrigatória do ensino de História da África e das culturas afro-brasileiras nas escolas da educação básica. (GOMES, 2012 p.99-100).

Alicerçando esse raciocínio, nós podemos perceber que boa parte das escolas de samba são advindas e próximas das comunidades de favelas, onde o público negro é maioria, e onde há um quantitativo grande de pessoas em idade escolar. Assim sendo, fazer atividades de letramento com os sambas, ou tomando como referência os ícones que o samba canta, pode muito bem conferir aos nossos alunos a ampliação de seu repertório linguístico e de seu conhecimento de mundo.

Certamente aqui, nesse ponto, dialogo com Paulo Freire, que afirma: “um outro dado que partíamos era o de que a educação trava uma relação dialética com a cultura. Desta forma a nossa ciência educativa não poderia sobrepor-se à realidade contextual nossa” (FREIRE, 1963, p.11). Ou seja, inspirados no patrono da educação brasileira, no tocante à realidade vigente do ensino, podemos afirmar que, na medida em que a educação colabora em todos os momentos, ou na maioria deles, para que a cultura do negro não seja inserida dentro da sala de aula, existe uma violação cultural que colabora para que o racismo cultural, estrutural e institucional contamine o ambiente escolar.

Refletindo sobre a importância da cultura para a educação, Freire (1963) argumenta:

Pareceu-nos, então que o caminho seria levarmos o analfabeto, através de reduções, ao conceito antropológico de cultura. O papel ativo do homem em sua e com sua realidade. A cultura como acrescentamento que o homem faz ao mundo que ele não fez. A cultura como resultado de seu trabalho. De seu esforço criador e recriador. O homem, afinal, no mundo e com o mundo, como sujeito e não como objeto. [...] descobrir-se-ia criticamente agora, como fazedor desse mundo da cultura. Descobriria que ele, como o letrado, ambos têm um ímpeto de criação e recriação. Descobriria que tanto é cultura um boneco de barro feito pelos artistas, seus irmãos do povo, como também é a obra de um grande escultor, de um grande pintor ou músico. Que cultura é a poesia dos poetas letrados do seu país, como também a poesia do seu cancionero popular. Que cultura são as formas de comportar-se. Que cultura é toda criação humana (FREIRE, 1963, p. 17).

Historicamente, nota-se um distanciamento dos ambientes tradicionais escolares da cultura e do cotidiano dos povos afro-brasileiros, bem como dos seus locais de fala, daquilo que os representa. De modo geral, o carnaval, representado pelas escolas de samba, é reconhecido por todo o Brasil – na medida em que é transmitido nacionalmente pelas emissoras de TV. No entanto, praticamente desconhecemos a cultura das favelas, marginalizando o universo cantado e reproduzido nesses espaços. Em função disso, não se compreende o que ocorre com os negros, tampouco se entende aquelas pessoas que moram nesses espaços e que reproduzem os discursos da elite branca ou que defendem o racismo negro. Nesse sentido, é válido observar o comentário de Kabengele Munanga, em *Superando o racismo na escola* (2005):

Os estereótipos, a representação parcial e minimizada da realidade, conduzem o estereotipado e representado, em grande parte, à auto rejeição, à construção de uma baixa autoestima, à rejeição ao seu assemelhado, conduzindo-o à procura dos valores representados como universais, na ilusão de tornar-se aquele outro e de libertar-se da dominação e inferiorização. (MUNANGA, 2005, p.30).

4.2 AS ESCOLAS DE SAMBA NA PRODUÇÃO DO ENSINO AFRO-CENTRADO COMO UMA DAS POSSIBILIDADES PARA O COMBATE AO RACISMO INSTITUCIONAL E ESTRUTURAL

Quando falamos em *letramento*¹⁷, esbarramos sempre nas seguintes questões: como letrar e qual aporte teórico usar para que a prática de letramento seja eficaz para determinados públicos? Com base na lei 10.639/2003, em seu artigo 26-A, que versa sobre a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino

¹⁷ De acordo com Magda Soares, em *Alfabetização e letramento* (2008), o termo ‘letramento’ é definido como ‘o estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva as práticas sociais que usam a escrita’.

fundamental e médio, oficiais e particulares, poderíamos pensar que a relação entre a escola de samba e a escola tradicional é muito mais relevante do que muitos imaginam, por conta de que hoje nós temos um denso referencial que é apresentado e representado anualmente tanto na Marquês de Sapucaí (RJ) quanto no Sambódromo do Anhembi (SP).

Nessa monografia, serão pontos de discussão, a posteriori, dois sambas tradicionais da Vila Isabel, que são: 1) o campeão de 1988, *Kizomba, a festa da raça*; e 2) o 3º colocado de 2012, *Você samba lá que eu sembo de cá! O canto livre de Angola!* (cf. capítulo 04 desta monografia). São sambas que apresentam certo protagonismo negro e que também serão problematizados a posteriori. Para além desses sambas, nós temos tantos outros que contribuem para contarmos uma história positiva de África – que certamente caminham ao contrário dos jornais e dos documentários de safaris e resorts, que veiculam paulatinamente a mesma visão estereotipada do continente africano.

Recontar a história a partir de uma perspectiva mais positiva é fortalecer não só a favela, mas todos os meios sociais em que os negros têm representação. Há outros sambas-enredo que projetam isso para além dos já citados neste capítulo e no capítulo 01, como, por exemplo: o samba da *Vai-Vai* de 2019 denominado *Vai Vai, o quilombo do futuro*; o samba da *Mancha Verde* de 2012, intitulado "*Pelas mãos do mensageiro do axé, a lição de odú-obará: a humildade*"; Rosas de Ouro, em 2006, cantou *A diáspora africana, um crime contra a raça humana*; Mocidade Alegre, em 2003, cantou *Omi! O berço da civilização Iorubá*; Estação Primeira de Mangueira, em 1988, levou para a avenida *Cem anos de liberdade, realidade ou ilusão*. Além desses sambas-enredo citados, há outras escolas que passam todo um ano estudando a vida dos ancestrais para levar aos sambódromos.

Por incrível que nos pareça, o ensino afro-centrado durante o período do carnaval é transmitido pela Rede Globo de televisão que começa já em janeiro a fazer a cobertura das escolas de samba. Claro que não podemos ser ingênuos em pensar que a referida rede de televisão tem interesse em promover tal conteúdo somente por conta do público, afinal de contas sabemos que o carnaval gera, para além de uma enorme receita para os estados – que muito provavelmente não seja repassada para a continuidade do ensino afro-centrado nas intuições de ensino básico – uma enorme audiência para a portadora dos direitos de transmissão do carnaval.

Embora seja utilizada como canal do espetáculo, nós não devemos nos esquecer que a construção do processo da identidade perpassa pelos desfiles, pois as escolas são somente contadoras de histórias. Assim, quando temos o acesso às histórias contadas a partir de uma

perspectiva menos eurocentrada, temos a oportunidade de, paulatinamente, termos as nossas mentes descolonizadas. No que se refere à educação formal, portanto, o protagonismo à cultura do negro e às suas histórias confere também uma proposta de emancipação para a educação. Sobre educação emancipadora, Romão e Gadotti (2012) remetem-se aos mestres Paulo Freire e Amílcar Cabral:

Emancipar significa “tirar as mãos de”; emancipar-se significa libertar-se. Há várias concepções de educação. Ela pode ser tanto domesticadora quando emancipadora. O que defendemos como concepção da educação é uma concepção emancipadora do ser humano. Todos os seres humanos têm direito a desenvolver plenamente todas as suas capacidades. Todos têm direito a uma educação emancipadora (ROMÃO, GADOTTI, 2012, p.104).

4.3 CONTEXTO SÓCIO-GEOGRÁFICO-ESCOLAR EM VILA ISABEL

Poderíamos chegar em nosso ambiente de trabalho, como professores de língua portuguesa, e estarmos munidos somente de uma gramática ou de um manual de linguística. O conteúdo é extenso e sabemos que é basicamente tradição escolar cobrar isto dos alunos: o conhecimento da regra! Fazer isso, porém, seria “mais do mesmo”. Por exemplo, o IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) brasileiro apresentou os seguintes resultados para 2017 (último ano da pesquisa): Anos iniciais do Ensino Fundamental: 5,8; Anos finais do Ensino Fundamental: 4,7; Ensino Médio: 3,8. Com esses dados, podemos perceber que a cartilha de imposição de regras culmina em um processo de sérias dificuldades de todo o sistema educacional, mesmo em períodos em que a educação estava na base do governo.

Podemos partir do pressuposto de que a nossa escolha epistemológica para a realização dessa monografia perpassa outras questões. Por exemplo, em determinados contextos brasileiros, mais especificamente me refiro à realidade das escolas de educação pública das comunidades periféricas cariocas, enquanto professores, nos primeiros encontros, temos barricadas naturais da precariedade do ensino e da escola. Assim, apenas nesse primeiro momento, o conteúdo curricular de língua portuguesa previsto para ser ensinado deixa de ser, muitas vezes, prioridade, deixa de ser protagonista, e os holofotes se desviam para os outros problemas existenciais no contexto escolar.

Sabemos que temos, em Vila Isabel e adjacências – para focalizar na comunidade fundamental para este trabalho acadêmico –, escolas municipais e estaduais e essas escolas recebem alunos de inúmeras comunidades, tanto da pista quanto da favela. Podemos perceber

que esses alunos estão inseridos em contextos sociais diferentes, ou seja, o ambiente escolar não os define enquanto seres, embora eles convivam a maior parte do seu tempo nesse ambiente.

Desse modo, Vila Isabel é um bairro composto por uma área de favela – o Morro dos Macacos – e por outra área de “asfalto” ou “pista”. Além disso, destaca-se o fato de que fica próximo ao Centro e à Zona Sul. Nesse contexto socio-geográfico, destaca-se o fato de que tem sido difícil o acesso àqueles que lá residem à universidade ou até mesmo a escola. Ainda dentro dessa problemática, em função da rotina de trabalho – haja vista que muitos que lá estão foram retirados pela sociedade do espaço escolar por conta dessa mesma sociedade dar-lhes como obrigação o trabalho – ocorre muita evasão escolar.

Nesse sentido, tenho um questionamento para fazer nesse trabalho de conclusão de curso: como lidar com a reinvenção das figuras do professor e do responsável pela escola, no contexto em que o estudante de uma escola próxima à favela tem que ser treinado para o momento em que o tiroteio começa, ou seja, precisa aprender a desenvolver estratégias para que consiga fugir de balas perdidas? Na revista *Isto é*, de 21 de julho de 2017, é possível acompanhar, na reportagem feita nesse contexto escolar, a forma como as crianças passam por um tipo de letramento: “Quando você ouvir um barulho muito alto, corra para o abraço”, diz Kelly Santos da Silva, 27 anos, para o filho Gael, de 3 anos. É a maneira lúdica que ela encontrou para estimular o garotinho a procurar alguém que possa ajudá-lo.

Faço ainda outro questionamento: como nós professores poderíamos lidar com o psicológico dos alunos submetidos a esse contexto violento e ainda termos tranquilidade para letrar mediante as seguintes informações:

Figura 12 - Escola Municipal Noel Rosa

Foto: G1.

Se repararmos na escola municipal Noel Rosa, podemos ver ao fundo um prédio branco, No fim da rua desse prédio, há um acesso à rua que é o limite entre duas comunidades, de duas facções diferentes. Assim sendo, não deve ser difícil imaginar a dificuldade dessa comunidade escolar em receber os alunos, uma vez que, em sua maioria, as tenções começam por esta rua.

Figura 13 - Notícia do morro dos Macacos (2014)Fonte: Jornal Extra¹⁸

¹⁸ Jornal Extra. Disponível em: <https://extra.globo.com/casos-de-policia/medo-afasta-18-mil-criancas-de-creches-escolas-no-morro-dos-macacos-policiamento-segue-reforcado-12392718.html>. Acesso em 03 de setembro 2019.

Figura 14 - Notícias sobre estudantes sem aula (2017)

Fonte: G1 Rio de Janeiro¹⁹

Figura 15 - Notícia sobre Vila Isabel (2019)

Fonte: Jornal Extra²⁰

De fato, as adversidades são múltiplas. Contudo, temos por facilitador tornar o ambiente escolar mais leve, mais tranquilo, se adotarmos a cultura local e menos eurocentrada como estratégia para ampliar os processos de letramentos. Qual o motivo, por exemplo, de não

¹⁹ G1 Rio de Janeiro. Disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/estudantes-de-escola-em-vila-isabel-rio-sofrem-sem-aulas-por-causa-da-violencia.ghtml>. Acesso em 03 de setembro 2019.

²⁰ Jornal Extra. Disponível em: <https://extra.globo.com/casos-de-policia/bandidos-roubam-van-escolar-em-vila-isabel-levam-ate-mochilas-de-criancas-23858075.html>. Acesso em 03 de setembro 2019.

analisarmos músicas que são próximas à realidade dos alunos? O que eu proponho aqui não é, de forma alguma, negligenciar o cânone ou o currículo fundamental da área de língua portuguesa, mas levar o aluno a conhecer o conteúdo programático partindo do seu conhecimento de mundo e ampliando-o:

A razão é tão engenhosa quanto poderosa. A sua engenhosidade consiste principalmente em sua atividade mediadora, a qual, fazendo com que os objetos ajam e reajam uns sobre os outros, respeitando a sua própria natureza e, assim, sem qualquer interferência direto no processo realiza as intenções da razão. (Vygotsky, 1998, p.50).

4.4 SAMBA E LETRAMENTO NO CONTEXTO ESCOLAR

Esse trabalho de conclusão de curso se propõe a estabelecer um diálogo próximo à base de ensino, como já deve ter percebido o leitor. Quando falamos em letramentos, também nós falamos em problemáticas sociais e tentamos buscar soluções para resolvê-las, a exemplo do samba. O conceito de letramento é relativamente novo, sobretudo na educação e nas ciências linguísticas. O termo *letramento* ainda soa com estranheza aos professores que já ministram há mais tempo, pois ele ainda não era utilizado nos cursos de formação dos anos 1980. Segundo Magda Soares (1999), se não conhecemos a palavra letramento, outras palavras do mesmo campo semântico nós conhecemos, que são *analfabetismo* e suas derivadas. É importante relatar aqui que letramento é diferente de alfabetismo, pois há pessoas analfabetas e letradas, ou seja, não quer dizer que a pessoa analfabeta não vai saber chegar em casa por conta que não sabe ler o letreiro do ônibus, ou não saberá quando tem polícia na favela só porque não tem acesso a mídias sociais ou até mesmo a um aparelho móvel. Ainda que ela seja desprovida desse letramento de redes sociais ou de saber manusear um aparelho celular, ela conhece a região em que mora e sabe apenas ao ver quando o ambiente está hostil.

Sabendo disso, vemos que, por algum motivo, a educação em sua base ainda atrela o conceito de letramento ao conceito de alfabetização. O que ocorre, e o que é importante dizer, é que, quando recebemos os alunos no Ensino Fundamental II, eles já são letrados e não somente pelo fundamental I ou pela creche, lógico por estes também, mas também pelos letramentos que provêm da identidade daqueles alunos, do seu local social de fala ou de vivência e, por isso, podemos considerar o plural de letramento, letramento**S**.

Trabalhando debruçados sob esse conceito de letramento**S**, para efeitos didáticos, podemos subdividi-lo em dois, que são: *letramentos dominantes* e letramentos *locais* (ROJO,

2009). Os *letramentos dominantes* são institucionalizados e os *letramentos locais* também são chamados de *vernaculares* ou *autogerados*. É importante saber que esses letramentos são interligados. Os letramentos dominantes são correlacionados a ambientes mais formais, locais que exigem certas burocracias ou protocolos. Nesse sentido, eles são intermediados sempre por alguém, pois seguem um protocolo de hierarquia social, ou seja, geralmente quem tem mais estudo é ouvido e quem está na posição de leigo apenas ouve. Portanto, o letramento dominante cria uma relação de dependência, já que sempre há algum formador de opinião a frente, a exemplo do juiz, do padre, do especialista, do professor. O letramento vernacular, por sua vez, está interligado com os ambientes informais. Em função disso, ele não é regulado, não há grandes instituições por detrás dele e nem coaduna com pensamentos tradicionais. Nesse sentido, o letramento vernacular priorizará sempre a relação de liberdade que o aprendente tem em seu contato com a sociedade.

Considerando esse contexto, não podemos continuar essa discussão, partindo para a análise dos sambas-enredos, sem antes falar que é primordial que os alunos tenham a consciência de que existem um ser e uma regra para o/a dominante e um ser e uma regra para o/a dominado(a). Não descrevo isso para desencorajá-los, falo isso para fomentar que eles estejam nas frentes da luta social, para que possam se armar com o que eles têm de mais valioso e maravilhoso, ou seja, o amplo universo da *cultura favelada*: o samba, o funk, o *hip-hop* etc.

Nessa perspectiva, que prevê elementos culturais não hegemônicos como legítimas formas de letramento, é imperioso citar *Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: hip-hop* (2011), de Ana Lúcia Silva Souza. Nessa obra, a autora investiga uma comunidade de *hip-hop* para refletir acerca de diversas possibilidades de agenciar o letramento. Nesse sentido, a autora afirma que, ao considerarmos letramentos como práticas sociais que se inter-relacionam com a forma como os sujeitos constroem sua identidade e poder, é preciso “considerar os diferentes valores, funções e configurações que o fenômeno assume para os diversos grupos, a depender dos contextos locais e de referências culturais específicos e também da estrutura que caracteriza os processos sociais mais amplos” (SOUZA, 2011, p.35).

Assim sendo, por meio da defesa do conceito de *letramento de reexistência*, ou seja, ao se considerar o *hip-hop* como uma legítima agência de letramento, a autora destaca o fato de que se trata de um movimento cultural sustentado por experiências educativas do movimento

negro, que ressignificam e reinventam os usos sociais da linguagem, seus valores e intenções. Assim sendo,

os letramentos de reexistência mostram-se singulares, pois, ao capturarem a complexidade social e histórica que envolve as práticas cotidianas de uso da linguagem, contribuem para a desestabilização do que pode ser considerado como discursos já cristalizados em que as práticas validadas sociais de uso da língua são apenas as ensinadas e aprendidas na escola formal (SOUZA, 2011, p. 36).

Fazendo uma aproximação entre o *hip-hop* e o que nesse trabalho de pesquisa advogamos, principalmente por meio da ótica educacional antirracista, entendemos que há outras vozes possíveis para se agenciar as práticas de letramento no universo escolar. Por esse motivo, destacamos ainda outra análise da autora:

Essa perspectiva de letramentos, que acolhe e legitima os letramentos no movimento *hip-hop* (Kleiman, 1995, 1996b; Rojo, 2009), pelo fato de fazerem sentido e de serem significativos para os sujeitos de conhecimentos e de direitos, também pode ser produtiva para lançar novos olhares sobre os letramentos escolares. A escola, cada vez mais, se torna chão de diferentes culturas com as quais ainda não se consegue dialogar – ainda que a necessidade já seja reconhecida –, por conta de um processo de exclusão que ainda marca, em termos de acesso, permanência e sucesso escolar, a história de um Brasil negro e de um Brasil branco que, a despeito de algumas mudanças, ainda não são um só (SOUZA, 2011, p.37).

5 CAPÍTULO 04: LETRAMENTOS A PARTIR DE SAMBAS-ENREDO DE VILA ISABEL

Gostaria de começar esse capítulo 04, que é dedicado às análises de sambas-enredo enquanto proposta de letramento, afirmando duas coisas, que são: 1) o povo do samba é vanguarda popular e ele está no morro e na pista e essa afirmação eu faço segundo o samba enredo da Unidos de Vila Isabel de 2018; 2) e a segunda afirmação é que, vide o carnaval de 1988 e a lei 10.639, temos sim um movimento negro educador. A partir disso, gostaria de trazer duas citações justamente para contribuir com o início dessa reflexão:

O povo do samba, é vanguarda popular
Mora nos macacos e no Boulevard
Vem aqui aprender, minha Vila tá legal
O moderno e o tradicional. (UNIDOS DE VILA ISABEL, 2018)²¹

No caso do Brasil, o Movimento negro ressignifica e politiza afirmativamente a ideia de raça, entendendo-a como potência de emancipação, e não como uma regulação conservadora; explicita como ela opera na construção de identidades étnico-raciais.

Ao ressignificar a raça, esse movimento social indaga a própria história do Brasil e da população negra em nosso país, constrói novos enunciados e instrumentos teóricos, ideológicos, políticos e analíticos para explicar como o racismo brasileiro opera não somente na estrutura do estado, mas também na vida cotidiana das suas próprias vítimas. (GOMES, 2017, p.731)

5.1 KIZOMBA, FESTA DA RAÇA

Para começarmos a discorrer sobre o samba de 1988, temos que pensar no que se passava, no contexto histórico daquele ano. Justamente em 1988 ocorre a promulgação da constituição federal decretando os princípios democráticos do período pós ditadura militar. Coincidentemente, neste ano, comemoravam-se 100 anos da Lei Áurea, da suposta liberdade dos negros. Ou seja, aqui nós nos deparamos com a concretização daquilo que Nilma Lino Gomes (2017) argumentara para nós na citação anterior e vemos de forma concreta que existiu de fato um movimento negro educador. Nesse carnaval de 1988, vemos em todas as escolas que passaram pela Marquês de Sapucaí uma temática negra. Nesse ponto, gostaria de parar o texto e oferecer uma explicação: eu preferi trazer o nome “Marquês de Sapucaí” para

²¹ Samba-Enredo do [G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel](#) do Carnaval de 2018, denominado “Corre que o futuro vem aí”.

essa parte do texto, ao invés de passarela Darcy Ribeiro, pois o dito marquês foi o educador da princesa Isabel. Desse modo, não podemos deixar de associar a esse carnaval de 1988 a beleza de se ter um movimento negro organizado e homenageado, sambando no local onde leva o nome do educador da princesa, que a posteriori seria mudado para Passarela Professor Darcy Ribeiro, que foi um antropólogo estudioso de indígenas com foco na educação.

Figura 16 - Épico desfile *Kizomba – A festa da raça* da Unidos de Vila Isabel, 1988



Fonte: Revista Carnaval²²

Passado este primeiro ponto de reflexão, gostaria de trazer o samba-enredo da Unidos de Vila Isabel daquele ano de 1988:

Kizomba, a festa das raças
 Valeu Zumbi!
 O grito forte dos Palmares
 Que correu terras, céus e mares
 Influenciando a abolição

Zumbi valeu!
 Hoje a Vila é Kizomba
 É batuque, canto e dança
 Jongo e maracatu

²² Disponível em: <https://www.revistacarnaval.com.br/documentario-sobre-kizomba-estreia-no-museu-de-arte-do-rio/> Acesso em 22/12/2019.

Vem menininha pra dançar o caxambu

Ôô, ôô, Nega Mina
Anastácia não se deixou escravizar
Ôô, ôô Clementina
O pagode é o partido popular

Sacerdote ergue a taça
Convocando toda a massa
Neste evento que congraça
Gente de todas as raças
Numa mesma emoção

Esta Kizomba é nossa Constituição

Que magia
Reza, ajeum e orixás
Tem a força da cultura
Tem a arte e a bravura
E um bom jogo de cintura
Faz valer seus ideais
E a beleza pura dos seus rituais

Vem a Lua de Luanda
Para iluminar a rua
Nossa cede é nossa sede
E que o apartheid se destrua²³

Ao apreciarmos esse samba acima, devemos nos lembrar de que estamos falando de Vila Isabel, de um samba de 1988 e de todo estereótipo que foi pintado sobre a figura de Isabel – como heroína responsável pela Abolição da Escravatura no Brasil – e que ainda se perpetua até o momento. Para além de o samba ser um belo momento de desconstrução política, é um momento de realce histórico de protagonismo negro, ou seja de dialogar com a favela letrando. Na medida em que a Constituição federal não prevê melhorias para a população negra, vemos que a supracitada escola de samba faz um protesto na avenida dizendo que “esta kizomba é a nossa Constituição”, ou seja, a união dos povos deveria ser premissa na carta magna, contudo com as brechas desta a kizomba é o nosso arranjo para dar voz e liberdade àqueles que foram por toda a vida silenciados.

É válido ressaltar que esse foi o primeiro enredo carnavalesco de Martinho da Vila, já que anteriormente ele era apenas compositor dos sambas da escola. O enredo pede passagem para “Kizomba”, que é um termo em quimbundo, cujo significado é “festa”. Ou seja, o enredo não é ligado especificamente à dança angolana denominada Kizomba, mas é associado

²³ Disponível em <https://www.lettras.mus.br/vila-isabel-rj/473988/>. Acesso em 22 dezembro de 2019.

intrinsecamente ao termo, ao significado original da palavra, que se encontra com o significado do carnaval.

Figura 17 - Detalhe do desfile da Unidos de Vila Isabel de 1988



Fonte: Site Samba Rio²⁴

O carro abre-alas (cf. figura 17) possui a coroa – que é uma tradição da escola – acompanhada do nome do bairro e da escola. Observa-se ainda que, acima de Vila Isabel, aparece a palavra que traz significado ao samba-enredo: kizomba. O texto me permite falar de parte do desfile que enche o trabalho de significado: esse mesmo abre-alas da escola ainda contou com sete estátuas africanas intituladas de “Os pensadores” (cf. figura 18). As estátuas enchem meu trabalho de significado justamente por conta de todo o enredo que circunda o carnaval de 1988: por ser um carnaval onde o movimento negro participou ativamente do desfile e de sua preparação, pelo meu pavilhão ter desfilado com seu maior número de componentes oriundos da Comunidade dos Macacos. Em suma, usar a imagem do pensador,

²⁴ Disponível em: <http://www.sambariocarnaval.com/index.php?sambando=fotos1988>. Acesso em 22 de dezembro de 2019.

que é uma estátua negra, nesse contexto, onde os favelados desfilam na Unidos de Vila Isabel é, no mínimo, dar um recado à sociedade: o negro é ser pensante e não apenas semovente.

Figura 18 - O pensador – escultura símbolo do povo angolano

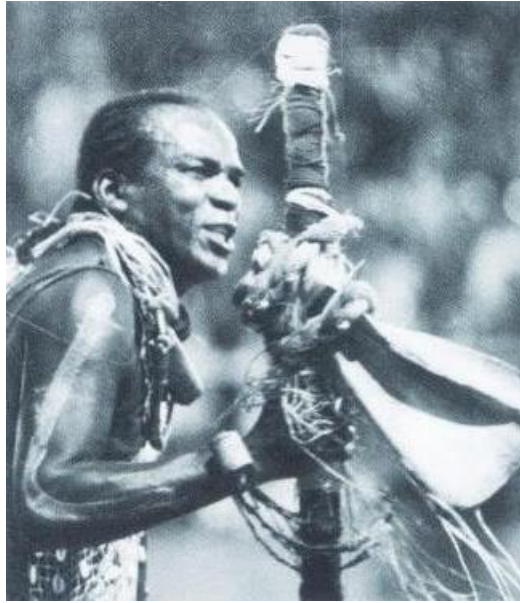


Fonte: Jornal Folha de São Paulo²⁵

A Vila Isabel ainda trouxe no chão a representação dos reis e rainhas africanas todos eles sambando no chão com fantasias em palha. Próximo dessa ala, vem o carro dos orixás, seguido das baianinhas (220 meninas do Morro dos Macacos). Essa ala é cheia de significado, pois ela liga o Nordeste, a África e a favela.

²⁵ *Uma viagem a Angola me fez pensar sobre minhas raízes, conta Martinho da Vila: Sambista fala sobre como ver a escultura de um pensador o fez refletir sobre suas próprias heranças.* Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2018/10/uma-viagem-a-angola-me-fez-pensar-sobre-minhas-raizes-conta-martinho-da-vila.shtml>. Acesso em 22 dezembro de 2019

Figura 19 - Antonio Pitanga como Zumbi dos Palmares



Fonte: site Samba Rio²⁶

Figura 20 - Martinho da Vila



Fonte: site Samba Rio²⁷

Por meio das figuras 19 e 20, podemos ver a representação de Zumbi dos Palmares por Antonio Pitanga e de Martinho da Vila desfilando numa ala de dança africana. Nesse contexto, a Vila Isabel aborda, nesse ano de 1988, o quilombo como uma *democracia racial* o que, ao meu ver, peca por excesso na nomenclatura usada, pois não temos como ter uma democracia, uma vez que a história antes da data do desfile foi marcada por sangue e por muita luta e que também não houve nenhum tipo de reparação até a presente data.

²⁶ Disponível em: <http://www.sambariocarnaval.com/index.php?sambando=fotos1988>. Acesso em 22 de dezembro de 2019.

²⁷ Disponível em: <http://www.sambariocarnaval.com/index.php?sambando=fotos1988>. Acesso em 22 de dezembro de 2019.

Contudo, por meio do enredo desse samba, é muito possível fazer uma reflexão em sala de aula acerca das políticas públicas estabelecidas – ou da falta delas – em função do povo negro no Brasil. Nesse sentido, seria muito interessante fazer uma reflexão sobre os direitos e a identidade do negro, a falta de reforma agrária e de políticas de moradia, sobre os anos em que foi privado ao negro formalmente o direito à educação, a promulgação da Lei 10.639/2003 e da Lei 11.645/2008, a lei de cotas etc. Penso que exatamente nesse ponto podemos desconstruir o pensamento eurocêntrico para construir um pensamento afro-centrado, a partir da perspectiva da leitura de histórias onde personagens negros protagonizem e daí partirmos para a interpretação de texto. Nesse sentido, estamos oportunizando a realização de um letramento crítico aos nossos estudantes, colaborando com a sua formação para a vida cidadã.

O que seria muito proveitoso numa aula provocada a partir do samba de 1988 seria a dúvida/curiosidade que pode ser despertada nos alunos acerca de algumas palavras, a exemplo de: *kizomba, jongo, maracatu, caxambu, ajeum, orixás e apartheid*. Nesse momento, haveria ótimas condições de se estabelecer um resgate cultural e conexão com o continente africano e com a diáspora negra. Ouçamos as palavras do mestre:

Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino. Exercer a minha curiosidade de forma correta é um direito que tenho como gente e a que corresponde o de verde lutar por ele, o direito à curiosidade. [...] Estimular a pergunta, a reflexão crítica sobre a própria pergunta, o que se pretende com esta ou com aquela pergunta em lugar da passividade em face das explicações discursivas do professor, espécies de respostas a perguntas que não foram feitas. [...] O que importa é que professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos. (FREIRE, 1996, p. 95-96).

Para além da curiosidade com as palavras, para muitos alunos, esse seria o primeiro contato com os personagens mencionados pelo samba-enredo, a exemplo de: Clementina, Nega Mina, Anastácia e Zumbi dos Palmares. Para além dos protagonistas do samba, os personagens do espaço da sala de aula, os alunos, também podem assumir o protagonismo que é próprio deles ao discorrerem sobre algumas coisas que conhecem da letra do samba. Essa seria uma ótima oportunidade de os alunos provenientes de religião de matriz afro-brasileira assumirem o protagonismo ao desenvolverem uma proposta de interpretação de texto crítica.

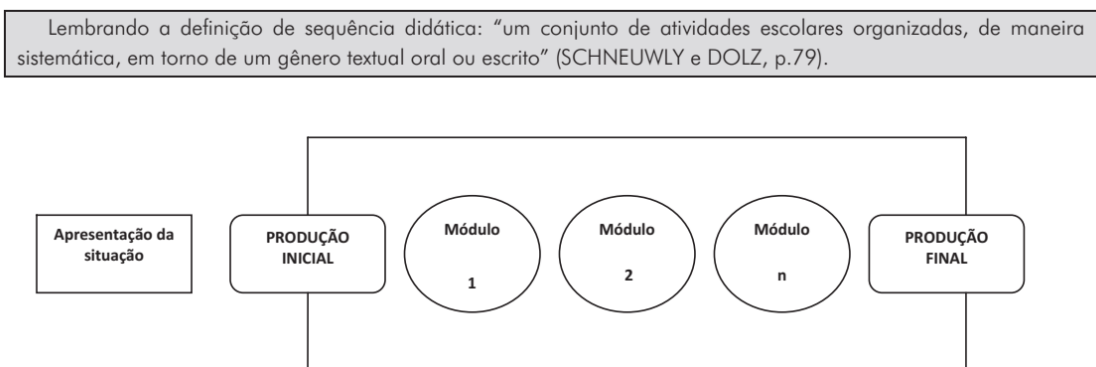
Para além desse kizombaço – que foi como o carnaval 1988 ficou popularmente conhecido –, vale a seguinte reflexão: será que a educação que temos seria a melhor para ser aplicada à favela, para os descendentes de negros, para as jovens mães faveladas, para os

jovens pais que tem que trabalhar para ajudar em casa? Será mesmo que vale a pena jogar conceitos no quadro acerca de sujeitos, substantivos, pronomes e verbos? Essa educação ensina a quem? Aqui trago uma crítica aos professores que acham que ser facilitador é jogar conceitos ao quadro – priorizando nomenclaturas em detrimento da compreensão crítica –, certamente a quem tem tempo de se debruçar sobre o caderno, certamente a quem tem tempo para perder horas em frente aos computadores e celulares tentando outras vias para conseguir compreender a aula dada.

Sabendo que existem inúmeras diferenças sociais não só em Vila Isabel mas também em todo o perímetro carioca, sabendo também que o Rio de Janeiro concentra um quantitativo elevado de público negro, com referência ao samba da kizomba, proporia uma sequência didática, a qual teria como produção final uma festa kizomba para a comunidade escolar e para a comunidade da Vila.

Antes de passar propriamente para a sequência didática, convém salientar que utilizamos o conceito de sequência didática a partir do que foi preconizado por Bernard Schneuwly e Joaquim Dolz, em *Gêneros orais e escritos na escola* (2004). Nesse sentido, os autores propõem o seguinte esquema para o ensino de língua materna:

Figura 21 - Esquema de sequência didática



Fonte: Schneuwly e Dolz (2004).

Sequência didática 01 **(Sugestão 6º ano)**

Apresentação da situação: transmissão de um vídeo com trechos do desfile de 1988 da Vila Isabel e letras com o samba-enredo *Kizomba, a festa das raças*.

Kizomba, a festa das raças

Valeu Zumbi!²⁸

O grito forte dos Palmares
Que correu terras, céus e mares
Influenciando a abolição

Zumbi valeu!

Hoje a Vila é Kizomba
É batuque, canto e dança
Jongo e maracatu

Vem menininha pra dançar o caxambu

Ôô, ôô, Nega Mina

Anastácia não se deixou escravizar

Ôô, ôô Clementina

O pagode é o partido popular

Sacerdote ergue a taça

Convocando toda a massa

Neste evento que congraça

Gente de todas as raças

Numa mesma emoção

Esta Kizomba é nossa Constituição

Que magia

Reza, ajeum e orixás

Tem a força da cultura

Tem a arte e a bravura

²⁸ A letra da música não seria entregue para os alunos com as diferentes cores que evidenciam as tipificações dos substantivos. Ela só está aqui apresentada desse modo para ilustrar aos docentes como a atividade poderia ser executada.

E um bom **jogo** de **cintura**
 Faz valer seus **ideais**
 E a **beleza** pura dos seus **rituais**

Vem a **Lua** de **Luanda**
 Para iluminar a rua
 Nossa **cede** é nossa **sede**
 E que o **apartheid** se destrua

LEGENDA:

Amarelo: substantivo próprio

Azul: substantivo comum e concreto

Rosa: substantivo abstrato

Produção inicial: discussão com a turma sobre o tema da música.

Módulo 01: ida ao laboratório de informática e pesquisa coletiva sobre o conceito de “kizomba”.

Módulo 02: seleção dos substantivos próprios na letra da música. Divisão em grupos e pesquisa sobre cada um deles.

Módulo 03: breve explicação sobre o conceito de substantivos próprios e abstratos. Identificação desses substantivos no samba-enredo. Divisão da turma, em grupos, e subdivisão desses substantivos a partir de temáticas específicas, tais como ritmos e instrumentos musicais; africanidades; etc.

Módulo 04: “*Gente de todas as raças*”. Discussão sobre a formação do povo brasileiro. Convite ao professor de história, de sociologia, de filosofia, de artes, de geografia, de literatura... Se possível for, sugerem-se atividades coletivas entre as diversas áreas do ensino sobre “as raças” que formam o nosso povo.

Produção final: Escrita coletiva de uma peça de teatro em que todas “as gentes” de “todas as raças” participem do enredo. Nessa etapa, estarão previstas atividades de reescrita, elaboração de diálogos e ensaios.

Publicização: Convite para a comunidade de escolar e convidados assistirem à peça. Ao final, haverá uma kizomba, possivelmente, no Barracão da Unidos de Vila Isabel ou na Cidade do Samba.

5.2 VOCÊ SEMBA DE LÁ, QUE EU SAMBO DE CÁ - O CANTO LIVRE DE ANGOLA

O samba de 2012 é igualmente muito significativo para a Unidos de Vila Isabel e também muito enriquecedor para a comunidade favelada, pois esse samba exalta a história da cultura do samba – ritmo muito popular não só na favela, mas em todo o estado do Rio de Janeiro.

Ao introduzir esse samba, eu não posso deixar de falar sobre o “negro rei” Martinho da Vila, que tem um enorme carinho por Angola – carinho esse que também assumo ter adquirido durante a graduação. Martinho realizou uma viagem a Angola que o fez repensar sobre as suas raízes. Para vermos o quão grande é o carinho do “Dikamba da Vila” para com essa nação plural, vejamos um trecho da entrevista a esse respeito que fora publicada em 16 de março de 1998: “Tive certeza da minha ancestralidade angolana com o estado em Locial em que fiquei quando estive em Angola pela primeira vez e pelas vibrações que sinto, até hoje, quando piso naquele solo”²⁹.

Assim sendo, o grande menestrel da Vila Isabel é reconhecido como eterno embaixador do Brasil em Angola. É interessante observar que, inclusive, outras escolas de samba consagradas cantam esse fato, como a Tom Maior, em 2009, com o samba *Nova Angola Se Abre Para o Mundo! Em Nome da Paz, Martinho da Vila Canta a Liberdade!* (cf. figura 21); e a Unidos do Peruche, em 2018, com o samba *Peruche Celebra Martinho/80 Anos do Dikamba da Vila* (cf. figura 22):

Angola tão cheia de luz
 Conquistada por um sonhador
 Terra de seus ancestrais
 Exalta seu embaixador
 É Martinho, é José, Partideiro, Escritor
 É da Vila Isabel, que fez Kizomba lá no bairro de Noel

Bate tambor batuqueiro
 O Canto do negro ecoou

²⁹ Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/turismo/fx16039806.htm>. Acesso em 22 de dezembro de 2019.

É tempo de liberdade, e felicidade
Em TOM MAIOR é negra a cor! (TOM MAIOR,2009)³⁰

Figura 22 - Martinho da Vila no desfile da Tom Maior (2009)



É da Vila, da Vila
Partideiro menestrel do povo
Lá do berço de Noel
Renasce das cinzas meu laiaraiá
Feitiço que encanta o Boulevard

E assim, cruzou os mares
Fez da poesia a missão
Redescobrimo sua identidade
Na semelhança com nossos irmãos
Toca viola e pandeiro, vem recordar
Dikamba nos versos e nas melodias
Celebrando em boemia
Sonhos vão além da quarta-feira
A liberdade é raiz verdadeira
Martinho dá o tom na filial, é pra lá de bom (PERUCHE, 2018)³¹

³⁰ Uma Nova Angola Se Abre Para O Mundo! Em Nome da Paz, Martinho da Vila Canta a Liberdade. Disponível em <https://www.letras.com.br/tom-maior/samba-enredo-2009-uma-nova-angola-se-abre-para-o-mundo-em-nome-da-paz-martinho-da-vila-canta-a-liber#top=tom-maior>. Acesso em 22 de dezembro de 2009.

³¹ *Peruche Celebra Martinho/80 Anos do Dikamba da Vila*. Disponível em <https://letrasweb.com.br/grcses-unidos-do-peruche/samba-enredo-2018-peruche-celebra-martinho-80-anos-do-dikamba-da-vila.html>. Acesso em 22 de dezembro de 2018.

Figura 23 - Martinho da Vila no desfile da Unidos do Peruche (2018)



Fonte: site G1³²

Para além dessas duas escolas, gostaria de trazer outro samba que também dialoga com o samba de 2012, que é o *Semba dos ancestrais*:

Figura 24 - Semba dos ancestrais



Fonte: site Youtube³³

³² Site G1. Disponível em <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/carnaval/2018/noticia/desfile-da-unidos-do-peruche-veja-fotos.ghtml>. Acesso em 22 de dezembro de 2019.

Se o teu corpo se arrepiar
 Se sentires também o sangue ferver
 Se a cabeça viajar
 E mesmo assim estiveres num grande astral

Se ao pisar o solo o teu coração disparar
 Se entrares em transe sem ser da religião
 Se comeres fungí, quisaca
 E mufete de cara-pau
 Se luanda te encher de emoção

Se o povo te impressionar demais
 É porque são de lá os teus ancestrais
 Podes crer no axé dos teus ancestrais
 Podes crer no axé dos teus ancestrais (VILA, 2003).³⁴

A partir dessas referências, acho que já estamos prontos para adentrar a riqueza que foi o samba de 2012. Eu parto do ponto de que esse samba é bem explicativo e, como observado acima, vemos que não é difícil compreender a mística desse samba. Partiremos então para a leitura da letra:

**Você Semba de Lá, Que Eu Sambo de Cá
 O Canto Livre de Angola**

Semba de lá, que eu sambo de cá
 Já clareou o dia de paz
 Vai ressoar o canto livre
 Nos meus tambores, o sonho vive

Vibra óh minha vila
 A sua alma tem negra vocação
 Somos a pura raiz do samba
 Bate meu peito à sua pulsação
 Incorpora outra vez kizomba e segue na missão
 Tambor africano ecoando, solo feiticeiro
 Na cor da pele, o negro
 Fogo aos olhos que invadem
 Pra quem é de lá
 Forja o orgulho, chama pra lutar

Reina ginga ê matamba
 Vem ver a Lua de Luanda nos guiar
 Reina ginga ê matamba
 Negra de zambi, sua terra é seu altar

Somos cultura que embarca
 Navio negreiro, correntes da escravidão
 Temos o sangue de Angola

³³ Site Youtube. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=V5cG2ngLEQM>. Acesso em 22 de dezembro de 2019.

³⁴ Semba dos ancestrais. Disponível em <http://www.letrasdemusicas.fm/martinho-da-vila/semba-dos-ancestrais>. Acesso em 22 de dezembro de 2019.

Correndo na veia, luta e libertação
 A saga de ancestrais
 Que por aqui perpetuou
 A fé, os rituais, um elo de amor
 Pelos terreiros (dança, jongo, capoeira)
 Nasce o samba (ao sabor de um chorinho)
 Tia Ciata³⁵ embalou
 Com braços de violões e cavaquinhos a tocar
 Nesse cortejo (a herança verdadeira)
 A nossa Vila (agradece com carinho)
 Viva o povo de Angola e o negro rei Martinho (VILA ISABEL, 2012)³⁶

Primeiramente, temos que levar em consideração o fato de que Martinho da Vila é alguém que tem lugar de fala para falar de Angola em função de sua linda história com o país. Trata-se de um apaixonado que nesse país africano encontra os seus ancestrais. Além disso, ele teve sua participação ativa no processo de descolonização de Angola, cuja culminância se dá em 1975. Vale ressaltar que Martinho foi um braço forte para o reconhecimento da independência de Angola pelo Brasil. Assim sendo, o Brasil foi o primeiro país a reconhecer a independência angolana. Vale ressaltar que esse enredo também fala com propriedade de Angola, de negritude, de identidade, de África, bem como o de 1988 que está intrinsecamente ligado com esse.

Para melhor compreendermos essa composição, é preciso entender o significado de *semba*:

Etimologicamente, “Semba” significa “umbigada” em quimbundo - língua de Angola, no entanto, tem vários outros significados adjacentes ao mesmo, como: batuque, dança de roda, lundu, chula, maxixe, batucada e partido alto, entre outros, muitos deles convivendo simultaneamente (MENESES, 2013, s/p).³⁷

A partir disso, começamos a discorrer acerca do fato de que Brasil e Angola são países com muitas semelhanças, sobretudo no batuque, no dançar, nas formas do corpo se expressarem, na dança – ou, de modo mais amplo, no samba como lugar de liberdade. A palavra liberdade/ livre é usada no título do samba-enredo em função dos diversos anos que

³⁵ **Tia Ciata** (1854-1924) foi uma mulher negra, oriunda do município de Santo Amaro da Purificação, no Recôncavo Baiano. Considerada a “matriarca do samba”, ela é um símbolo de resistência negra, por, entre outros grandes feitos, ceder a sua casa para reuniões e para a formação de bambas, no extinto bairro da Pequena África, no Rio de Janeiro. Para mais informações, cf.: https://www.huffpostbrasil.com/entry/samba-e-coisa-de-preta-a-historia-de-tia-ciata-a-matriarca-do-samba-brasileiro_br_5c339fefe4b0f2cf2e84a424

³⁶ *Você Semba de Lá, Que Eu Sambo de Cá - O Canto Livre de Angola*. Disponível em <https://www.lettras.mus.br/vila-isabel-rj/1956568/>. Acesso em 22 de dezembro de 2019.

³⁷ História do semba. Disponível em <https://www.maiskizomba.com/noticias/1711-historia-do-semba>. Acesso em 22 de dezembro de 2019.

Angola esteve em guerra, seja pela independência do colonialismo português, seja em guerra civil. Assim sendo, a vida do sonho, através do tambor, significa que mesmo em meio aos tempos obscuros que Angola viveu, tanto nos tempos de guerra quanto nos tempos de escravidão, o semba ou o samba nunca deixaram de nos reger.

Figura 25 - Carro Alegórico O Imbondeiro



Fonte: site Flickr³⁸

A partir da figura 25, observa-se o carro alegórico que representa o imbondeiro, ou baobá. Reza a lenda que Deus plantou essa árvore ao contrário, em função da estrutura de seu tronco e de suas raízes. É uma espécie de árvore sagrada em Angola – e em praticamente todo o continente africano – que serve para quase tudo: é medicinal e usada em rituais, inspira poetas e cantores. Nesse sentido, é tida como um rico tesouro para o povo angolano. Aqui também nós brasileiros nos encontramos com Angola, em função do uso tradicional de plantas medicinais, no uso dessas plantas para rituais e na riqueza daquilo que serve para curar, geralmente usado pelos mais velhos. Isso se encontra também na favela, onde o respeito pela sabedoria dos mais velhos ainda é muito valorizado.

³⁸ Site Flickr. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/jcassiano/6838639310>. Acesso em 22 de dezembro de 2019.

Figura 26 - Carro alegórico *Castelo da rainha Nzinga, rainha do Ndongo e do Matamba*, símbolo da resistência ao colonialismo português



Fonte: site Quintal do samba³⁹

A figura 26 evidencia um carro alegórico que representa os povos de Angola, simbolizados pela rainha Nzinga, que era uma chefe de estado habilidosa e diplomática. Esse carro foi apelidado de **Castelo da rainha Nzinga, rainha do Ndongo e do Matamba, símbolo da resistência ao colonialismo português**. Os reinos de *Ndongo* e *Matamba* foram importantes estados africanos existentes antes da chegada dos portugueses; sociedades hierarquizadas e organizadas, com domínio do comércio, metalurgia, agricultura. Esse carro representa o espírito lutador e o desejo de liberdade que o povo angolano tem. De modo semelhante, por meio desse carro, pode-se associar também ao ambiente de favela pelos mesmos motivos: o desejo da liberdade.

³⁹ Site Quintal do samba. Disponível em: <http://www.quintaldosamba.com/noticias/vencedores-do-estandarte-de-ouro-2012/> Acesso em 22 de dezembro de 2019.

Figura 27 - Carro alegórico



Fonte: site Wikimedia⁴⁰

Esse carro simboliza os navios negreiros que foram do Porto de Luanda até o Porto do Valongo. Os escravizados passavam por um ritual antes do desatracar do navio: eles recebiam um papel com um nome e seguida as palavras “Sois filho de Deus, a caminho de terras portuguesas e esqueças de tudo o que você viveu aqui e seja feliz”. Vejo como muito oportuno esse navio negreiro descer a passarela do samba, por conta que mesmo em meio a escravidão, os escravizados tinham esperança, em seus momentos de encontro com as suas raízes, com a sua identidade. Por isso, a relação do samba com o navio e faço também um *link* com o forçado apagamento que se vive, tanto os negros da favela quanto os da pista, sobretudo pelo não cumprimento da lei 10.639/03 como se deveria cumprir.

Ao pensar nesse samba e no público a quem se destina, pensei em sugerir sequências didáticas, em que o samba é tido como forma de identidade local. A partir desse samba, conhecermos mais sobre as histórias contadas em Angola e a partir daí poderemos trabalhar, mais uma vez, sobre o processo de colonização portuguesa a partir de uma lógica crítica.

Muitos alunos sabem que Portugal colonizou o Brasil, mas nem todos sabem quantos países falam português no mundo ou que toda as línguas possuem variedades. Por isso, seria conveniente aproveitar o samba-enredo para discutir sobre o fato de que o português de

⁴⁰ https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Vila_Isabel_2012_18.jpg

Portugal e do Brasil não são os únicos, e que também Portugal não tem superstratos sobre o nosso e nem o nosso sobre o de nenhum dos outros. Poderíamos ter aulas onde escutaríamos um semba e logo após um samba que pode perfeitamente ser esse de 2012 e, munido das letras, poderíamos estudar a variação do português BRASILEIRO (PB) e do português ANGOLANO(PA).

Como aprendi na universidade todos esses anos, Angola tem uma oralidade muito forte no tocante à contação de histórias locais e, em minha época de Morro do Pau da bandeira, localizado no Complexo dos Macacos, lembro que aquela favela também tinha igualdade neste aspecto. Com a explosão das redes sociais e da internet, ainda que não seja unanimidade em toda a comunidade, poderíamos fazer uma ação de resgate das contações de história nas escolas através de um professor convidado ou, até mesmo, através de um vídeo em sala. Seria bastante importante que, para além de conhecer o Martinho e sua história, aquela comunidade tivesse também contato com Angola. A partir de agora, seguirão duas propostas de sequências didáticas criadas a partir do samba-enredo de 2012 da Unidos de Vila Isabel:

Sequência didática 02 **(Sugestão 9º ano)**

Apresentação da situação: vídeo com trechos do desfile da Unidos de Vila Isabel (2012) e letras com o samba-enredo *Você semba de lá, que eu sambo de cá – o canto livre de Angola*. Logo após, será mostrado um Mapa mundi ou um globo terrestre em que se procurará o Brasil e Angola

Você Semba de Lá, Que Eu Sambo de Cá - O Canto Livre de Angola

Semba de lá, que eu sambo de cá
Já clareou o dia de paz
Vai ressoar o canto livre
Nos meus tambores, o sonho vive

Vibra óh minha vila
A sua alma tem negra vocação

Somos a pura raiz do samba
 Bate meu peito à sua pulsação
 Incorpora outra vez kizomba e segue na missão
 Tambor africano ecoando, solo feiticeiro
 Na cor da pele, o negro
 Fogo aos olhos que invadem
 Pra quem é de lá
 Forja o orgulho, chama pra lutar

Reina ginga ê matamba
 Vem ver a Lua de Luanda nos guiar
 Reina ginga ê matamba
 Negra de zambi, sua terra é seu altar

Somos cultura que embarca
 Navio negreiro, correntes da escravidão
 Temos o sangue de Angola
 Correndo na veia, luta e libertação
 A saga de ancestrais
 Que por aqui perpetuou
 A fé, os rituais, um elo de amor
 Pelos terreiros (dança, jongo, capoeira)
 Nasce o samba (ao sabor de um chorinho)
 Tia Ciata embalou
 Com braços de violões e cavaquinhos a tocar
 Nesse cortejo (a herança verdadeira)
 A nossa Vila (agradece com carinho)

Viva o povo de Angola e o negro rei Martinho (VILA ISABEL, 2012)⁴¹

Produção inicial: Discussão oral em sala de aula para se aferir o conhecimento prévio dos alunos acerca de Angola e de África.

⁴¹ *Você Semba de Lá, Que Eu Sambo de Cá - O Canto Livre de Angola*. Disponível em <https://www.lettras.mus.br/vila-isabel-rj/1956568/>. Acesso em 22 de dezembro de 2019.

Módulo 01: leitura em grupos da entrevista de Martinho da Vila sobre sua ida a Angola. Logo após, será proposta uma discussão coletiva sobre o conteúdo da entrevista.

Módulo 02: ida ao laboratório de informática. Será lançada para a turma a seguinte questão: quais países falam língua portuguesa além do Brasil e de Angola? Divisão da turma em grupos e produção de cartazes sobre cada país.

Módulo 03: convite ao professor de história para discussão sobre a colonização portuguesa (usar como apoio o samba-enredo *História para ninar gente grande*, da Estação Primeira de Mangueira, em 2019).

Módulo 04: estudo de um *samba* e de um *semba*: análise de variação lexical. Proximidades e diferenças entre o português brasileiro e o angolano.

Produção final: cria-se uma página do Instagram em que os grupos publiquem o resultado do que aprenderam nessa sequência. Essa página será divulgada a toda a escola por meio das redes sociais.

Sequência didática 03

(Sugestão: 6º e/ou 7º ano)

Apresentação do tema: Ouvir o samba-enredo *Você semba de lá, que eu sambo de cá – o canto livre de Angola* (Unidos de Vila Isabel, 2012) e acompanhar a letra. Chamar a atenção para a estrofe sobre a rainha Nzinga.

“Reina ginga ê matamba
Vem ver a Lua de Luanda nos guiar
Reina ginga ê matamba
Negra de zambi, sua terra é seu altar”

Produção inicial: Discussão a partir das seguintes perguntas: o que é ser rei e rainha para vocês? O que pensam a partir da ideia de que existem reis e rainhas em África? Como eles seriam?

Módulo 01: Ida ao laboratório de informática. Os alunos receberão como proposta de pesquisa a vida da Rainha Nzinga – importante personagem da luta e da resistência ao colonialismo português. Logo após, ouvirão uma contação de histórias sobre essa personagem.

Módulo 02: Elaboração de um conto coletivo sobre a Rainha Nzinga. Para que as crianças contem essa história, sugere-se que máscaras, cenário e fantasias sejam confeccionados.

Módulo 03: Em suas comunidades, os alunos se dedicarão a ouvir histórias orais de seus mais velhos, seja envolvendo reis e rainhas, seja de temáticas que contemplem coragem, bravura, luta de seus ancestrais.

Produção final: Tarde de contação de histórias: os mais velhos do Complexo dos Macacos serão convidados para irem à escola ou para outro lugar que for mais conveniente (tal como o Centro Comunitário) e haverá dois momentos de contação de histórias: 1) os mais velhos contarão suas histórias em roda; 2) as crianças contarão a história da Rainha Nzinga aos mais velhos, encenando-a a partir dos adereços que foram confeccionados.

Publicização: Criar uma página no site youtube.com em que os contos orais da comunidade dos Macacos serão divulgados.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho de pesquisa teve por maior motivador o diálogo com a base escolar. Quando eu falo em *diálogo com a base*, eu penso fundamentalmente no Ensino fundamental II e no Ensino Médio (em função do escopo de minha formação no curso de Letras), sobretudo nos docentes que estão afastados da graduação por tempos e que sofrem tendo como aporte a formação que o Estado lhes dá.

Trabalhar com o bairro de Vila Isabel e com a Escola de samba Unidos de Vila Isabel foi significativo, por ambas carregarem marcas fortes da colonização portuguesa, sobretudo no nome, e também pelo fato de o bairro trazer a presença real da colonização. A significância disso se encontra na oportunidade da desconstrução, tanto da forma como o ensino é posto com os letramentos formais e, em contrapartida a isso, proponho o letramento de (Re)existência, na temática do antirracismo, em favor de um resgate da história e da identidade do negro que vive nas favelas e são postos à margem da sociedade pelo Estado.

Este trabalho de conclusão propõe para os professores de português o seguinte aspecto: o ensino de gramática pode até ser importante, mas ela não pode ser, nem de longe, o elemento nuclear do ensino de língua portuguesa, uma vez que ela já está internalizada na prática languageira dos alunos. Ditar ou prescrever normas gramaticais pode ser tão nocivo para o aluno favelado, quanto a presença da polícia, uma vez que a forma de apresentação pode ser tão opressora, que o encontro do aluno com a identidade, a emancipação, o orientação de caminhos, pode ser prejudicado.

Por isso, entendemos que ampliar o letramento dos alunos a partir daquilo que está vivo na sociedade favelada é tão importante quanto aprender gramática. Assim, usar o tipo de música que eles ouvem, trazer a poesia periférica, tudo isso contribui muito para conduzi-los a chegar ao esperado. Não! Não é usar texto como pretexto! É militar em prol da cultura favelada, é militar em prol do samba, do hip-hop, do funk, da poesia periférica. É militar em prol do ensino favelado e trazer a cultura para sala de aula. Ou melhor, muitas vezes, sair da sala de aula para a formação cultural e de língua portuguesa não é pretexto e, sim, militância.

Para começo de conversa, nesse último parágrafo do meu trabalho de conclusão de curso, eu gostaria de salientar que é muito importante que o professor de língua portuguesa ou de qualquer outra disciplina que esteja ministrando na favela conheça a realidade de seus alunos e que busquem uma intimidade com ela porque nada é mais precioso no trato com o outro do que a empatia.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV, V. N.). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC, 1999.

BAKHTIN, M. Problemas da poética de Dostoiévski. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981. [1963]

BIBLIOTECA NACIONAL. Rio 450 anos: Bairros do Rio - Vila Isabel. Disponível em <https://www.bn.gov.br/noticia/2015/05/rio-450-anos-bairros-rio-vila-isabel>. Acesso em 13 julho 2019.

BRASIL. Lei 11.645/2008, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm. Acesso em 28 dez. 2019

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira”, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm . Acesso em: 28 dez. 2019.

DOLZ, J. e SCHNEUWLY, B. *Gêneros Orais e escritos na escola*. Campinas(SP): Mercado de Letras; 2004.

FREIRE, Paulo. *Alfabetização e conscientização*. Porto Alegre: Editora EMMA, 1963.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Nilma Lino. Movimento negro e educação: ressignificando e politizando raça. In.: *Educ. Soc.* Campinas. v.33, n.120, p.724-744, jul-set 2012.

MUNANGA, Kabengele. *Superando o racismo na escola*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROMÃO, José Eustáquio. GADOTTI, Moacir. *Paulo Freire e Amílcar Cabral: a descolonização das mentes*. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2012.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. AMARAL, Luiza Real de Andrade. Vozes da Vila: espaços e representações no entorno da universidade. In: *Contemporânea*. ed. 18. vol. 9, n.2, 2011.

SOARES, Magda. *Alfabetização e Letramento*. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOERENSEN, Claudiana. A carnavalização e o riso segundo Mikhail Bakhtin. In.: *Revista Travessias*, ed XI, 2011, p.318-331.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. *Letramento da reexistência*. Poesia, grafite, música, dança: hip-hop. São Paulo: Parábola, 2011.